

Maria no Mistério de Cristo e da Igreja, à luz da teologia dos santos

(Comentário à Nota doutrinal *Mater Populi Fidelis*)

François-Marie Léthel, ocd

Assinada pelo nosso Papa Leão XIV, a nota doutrinal do Dicast  rio para a Doutrina da Fé *Mater Populi Fidelis* deve ser acolhida com respeito, numa atitude de fidelidade criativa, como um talento para fazer frutificar.

Através da crítica aos títulos de *Corredentora*, *Medianeira* e *Mãe da graça*, o documento do Dicast  rio opõe-se a uma espiritualidade mariana que seria insuficientemente cristocêntrica. Para além da aparência um pouco negativa do texto,    necessário compreender a intenção do Santo Padre, que é a de promover no Povo de Deus o amor pela Virgem Maria na plena Luz do Mistério de Jesus.

De facto, como dizia São João Paulo II ao apresentar a doutrina de São Luís Maria Grignion de Montfort, «a verdadeira devoção mariana    cristocêntrica» (*Carta aos Religiosos e Religiosas das Famílias Monfortinas*, 8 de dezembro de 2003, n. 2). Neste importante documento que mostra a harmonia entre os textos do Concílio e os de Luís Maria (**Anexo 1**), ele recordava a grande luz recebida desde a sua primeira leitura do *Tratado da Verdadeira Devoção    Santa Virgem*, aquela essencial dinâmica cristocêntrica resumida na expressão *Ad Iesum per Mariam*, naquele *Totus Tuus* dirigido a Jesus por Maria que depois guiou toda a sua vida.

A nota doutrinal refere-se    Tradição Viva da Igreja representada pelo Magistério e pelos Santos. A partir do capítulo VIII da *Lumen Gentium sobre Maria no Mistério de Cristo e da Igreja*, os Papas São Paulo VI, São João Paulo II, Bento XVI e o Papa Francisco aprofundaram em perfeita continuidade este luminoso ensinamento do Concílio que sintetizava a doutrina mariana da Igreja, sempre fundamentada na Escritura e desenvolvida harmoniosamente na Tradição dos Padres e dos Doutores da Igreja. Isso pode-se constatar nas numerosas referências e citações.

No mesmo espírito e na mesma perspetiva,    possível prolongar e completar este ensinamento referindo-se a outros santos que aprofundaram particularmente esta doutrina sobre Maria no Mistério de Cristo e da Igreja, utilizando o «prisma» da teologia dos santos, ou seja, a complementaridade dos Padres da Igreja, dos Doutores Medievais e dos Místicos (desde a Idade Média até    época moderna). A grande contribuição dos Místicos (alguns dos quais são Doutores da Igreja)    oferecer uma «confirmação» experimental das grandes verdades da Fé, e isto é particularmente importante a propósito de Maria.

No que diz respeito    intenção ecumênica do texto, é preciso recordar que a doutrina mariana nos une a todas as Igrejas Ortodoxas, bem como às Igrejas Coptas, Arm  nias e S  rias. Permanece, porém, um ponto de divisão com as Igrejas nascidas da Reforma Protestante, em relação    eclesiologia, que continua a ser o principal problema. O diálogo ecum  nico com os nossos irmãos protestantes convida-nos a falar de Maria nesta luz cristocêntrica, lembrando que ela permanece uma criatura e nunca é objeto de adoração. É preciso insistir sempre no Absoluto de Jesus Cristo e na total relatividade de Maria e da Igreja em relação a Ele, excluindo qualquer forma de «mariolatria» ou «mariocentrismo», «eclesiocentrismo» ou «eclesiolatria». O Papa Francisco denunciou frequentemente esta tentação «eclesioc  ntrica» que se manifesta no clericalismo.

Assim, nesta grande perspetiva da teologia dos santos,    possível completar a nota doutrinal referindo-se, em primeiro lugar, a *Santo Ireneu de Lião*, declarado Doutor da Igreja pelo Papa Francisco, depois ao grande doutor medieval *Santo Anselmo*, seguidamente   s M  sticas que são *Santa Catarina de Sena* (Doutora da Igreja), *São João Eudes* e *São Luís Maria de Montfort* (candidatos ao Doutorado Eclesial), *Santa Teresa de Lisieux* (Doutora da Igreja) e, finalmente,

às recentes Servas de Deus da família salesiana de D. Bosco, que ofereceram novos desenvolvimentos à espiritualidade eucarística e mariana¹.

Santo Ireneu de Lião

No final do século II, Santo Ireneu de Lião realizou a primeira grande síntese teológica a partir de toda a Sagrada Escritura interpretada na Tradição Viva da Igreja. A sua obra continua a ser uma fonte inesgotável para a teologia de todas as Igrejas cristãs. Tem, portanto, um imenso valor ecuménico.

Ele desenvolve maravilhosamente o grande tema paulino da *Recapitulação de todas as coisas em Cristo* (cf. Ef 1, 10), na sua dupla dimensão cósmica e histórica. Para ele, Jesus é verdadeiramente «o Centro do Cosmos e da História». A partir deste Centro único, ele abre já todas as grandes perspetivas que a Igreja não deixará de aprofundar e explorar ao longo da sua História: Deus Trindade, a criação e a salvação, Maria e a Igreja, a protologia e a escatologia, etc...

A sua teologia simbólica das «duas Mãos do Pai», que são o Filho e o Espírito Santo, revela-se de uma riqueza inesgotável para contemplar o profundo vínculo que une intimamente Jesus, Maria e a Igreja. A Encarnação do Filho de Deus realiza-se pela obra do Espírito Santo na Maternidade Virginal de Maria. É o «novo nascimento» que encontra o seu prolongamento na Igreja pelo nascimento batismal. O seio virginal e maternal é inseparavelmente o seio de Maria e da Igreja.

Na obra de Ireneu, encontramos o primeiro desenvolvimento da pneumatologia e da mariologia, sempre na sua perspetiva cristocêntrica da Recapitulação. Ele já mostra que Maria não toma de forma alguma o lugar do Espírito Santo, mas ela que está totalmente relativa ao Filho pela sua Maternidade virginal. Na sua perspetiva, não se deve falar da Maternidade Divina e da Virgindade de Maria como dois dogmas distintos, mas como um único dogma, o da Maternidade Virginal como Maternidade Divina para com o Filho pela ação do Espírito Santo.

Para ele, Maria é inseparavelmente a Nova Terra e a Nova Eva, por um lado, a «Terra Virgem» da qual as duas Mãos do Pai moldaram o Novo Adão, recapitulando assim o antigo Adão; por outro lado, é a Nova Eva que obedece livremente ao Mensageiro de Deus para a Encarnação do Filho de Deus. Para Ireneu, a obediência materna de Maria está inteiramente orientada para a obediência filial de Jesus na sua Paixão Redentora, «obediência sobre o madeiro». Assim, Eva é recapitulada em Maria, que se torna sua advogada (e não sua acusadora). «O nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria», o que fundamenta teologicamente a bela devoção popular a Maria que desata os nós, tão querida ao Papa Francisco. Nesta luz, Ireneu não teme afirmar que Maria, «obedecendo, tornou-se causa de salvação para ela mesma e para todo o género humano» (*Aversus Haereses*, III/21/10-22/4).

Já se encontra em Santo Ireneu o cristocentrismo trinitário do símbolo batismal que será retomado no Concílio de Niceia. Jesus está no centro da Trindade, entre o Pai e o Espírito Santo, e Maria está no coração do Mistério de Jesus, pois é através dela que o Pai nos deu o seu Filho pela ação do Espírito Santo.

A Eucaristia ocupa um lugar importante na sua teologia, como sacramento da Recapitulação: «A nossa maneira de pensar está de acordo com a Eucaristia, e a Eucaristia, por sua vez, confirma a nossa maneira de pensar» (*Adversus Haereses*, IV/18/5).

Santo Anselmo

¹ Dediquei longos capítulos a Ireneu, Anselmo e Teresa de Lisieux na minha tese de doutoramento em teologia: *Connaître l'Amour du Christ qui surpasse toute connaissance. La Théologie des Saints* (Venasque, 1989, ed du Carmel). No retiro pregado ao Papa Bento XVI e à Cúria Romana, apresentei em particular a doutrina de Teresa, Luís Maria de Montfort e Catarina, em relação a João Paulo II: *La Luce di Cristo nel Cuore della Chiesa* (Roma, 2011, Libreria Editrice Vaticana). Nestes dois livros encontram-se numerosos textos destes santos.

Esta grande teologia mariana da Igreja encontra uma das suas mais belas expressões em Santo Anselmo de Aosta, no século XI. Ele oferece-nos o exemplo de uma teologia monástica no espírito dos Padres da Igreja (em particular de Santo Agostinho), mas com as novas exigências racionais da teologia medieval que caracterizarão posteriormente a teologia universitária ilustrada por São Tomás.

A perspectiva de todos estes santos doutores medievais é sempre profundamente cristocêntrica, mas pode-se afirmar, a este respeito, uma certa superioridade de Santo Anselmo em relação à teologia universitária, antes de mais pelo facto de as suas obras mais significativas serem escritas na forma literária da oração, uma forma cujo valor científico a teologia universitária já não reconhecerá (daí a ausência de orações na *Suma Teológica* de São Tomás).

Maria é contemplada na sua Maternidade Divina, nesta relação única com Jesus, o Deus-Homem (*Deus Homo*). Perante as objeções dos muçulmanos, Anselmo insiste de uma forma nova no papel indispensável da Santa Humanidade de Jesus na sua Paixão Redentora para o restabelecimento da Aliança quebrada pelo pecado. Na realização da Salvação, a Humanidade de Jesus é tão importante e indispensável quanto a sua Divindade, daí a sua ousada tentativa de demonstração racional da existência do Deus-Homem no diálogo *Cur Deus Homo*.

Um dos frutos mais belos deste extraordinário cristocentrismo é uma nova luz sobre o lugar de Maria no Mistério de Jesus. Deste ponto de vista, os dois textos mais importantes são duas grandes orações teológicas: a *Meditação sobre a redenção humana* (*Meditatio III*), que é uma oração a Jesus Redentor, e a *Oração a Santa Maria para obter o amor dela própria e de Cristo* (*Oratio VIII*). A parte central desta oração a Maria é retomada na Liturgia das Horas para a festa da Imaculada Conceição². Reproduzimos o texto integral em anexo (**Anexo 2**).

O centro da perspectiva é o dogma da Maternidade Divina de Maria, do qual Anselmo desenvolve as consequências para nós e para toda a criação, de forma muito rigorosa, sem qualquer exagero. A perspectiva é sempre cristocêntrica. É o próprio Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, Criador e Salvador, que estende a maternidade de Maria como um imenso manto que envolve não só toda a humanidade, mas também todo o mundo material e todo o mundo angelical.

A linguagem é muito precisa para diferenciar bem a ação de Jesus da de Maria. Só Jesus dá a salvação, enquanto Maria a obtém dele pela sua oração intercedendo junto dele. No final da sua oração, Anselmo pede o Amor de Jesus e de Maria: amar Jesus com o Coração de Maria, amar Maria com o Coração de Jesus.

Os Místicos

Esta grande teologia mariana dos Padres e Doutores medievais encontra a sua continuação e confirmação nos Místicos. Recordaremos o exemplo de duas mulheres que são Doutoradas da Igreja: Santa Catarina de Siena (1347-1380) e Santa Teresa de Lisieux (1873-1897), e de dois homens que são candidatos ao doutorado da Igreja: São João Eudes (1601-1680) e São Luís Maria Grignon de Montfort (1673-1716). Neste campo da mística, há uma evidente predominância feminina.

- Santa Catarina de Sena

Santa Catarina de Sena é a grande teóloga do Corpo e do Sangue de Jesus nos Mistérios da Encarnação, da Redenção e da Igreja. Oferece-nos um dos mais belos exemplos de teologia

² Santo Anselmo parece ter sido favorável à Imaculada Conceição, que já era celebrada a 8 de dezembro em algumas igrejas. O seu discípulo e biógrafo Eadmer será um dos primeiros a escrever a favor da Imaculada Conceição, enquanto que mais tarde São Bernardo e São Tomás se oporão. Como o dogma ainda não havia sido definido, São Tomás Moro fala dele como duas opiniões opostas defendidas pelos santos. Cita Santo Anselmo como exemplo daqueles que eram favoráveis à Imaculada Conceição (Thomas More: *Ecrits de prison*, Paris, 1958, ed. du Seuil, pp. 108-109).

simbólica, expressão privilegiada da inefável teologia mística, na sua complementaridade com a teologia intelectual da Universidade.

Por exemplo, a mesma verdade da Redenção que São Tomás expressa através dos conceitos de mérito, satisfação, eficiência, etc. (*S.Th III* q 48), é expressa por Santa Catarina com o símbolo do Sangue. Ela desenvolve uma extraordinária simbologia corporal cujo centro é sempre Jesus, o Verbo Encarnado, «Símbolo Primordial» (segundo Santa Edith Stein). A linguagem dos símbolos, mais encarnada do que a dos conceitos, é a que melhor se adequa para falar de Maria à luz do Verbo Encarnado. Ela expressa com força grandes verdades que a linguagem conceptual tem dificuldade em alcançar. Temos um magnífico exemplo disso no *Hino Akathistos*.

Em Jesus «habita corporalmente toda a plenitude da Divindade» (Col 2, 9). Na grande perspectiva do cristocentrismo trinitário, Catarina contempla o Corpo de Jesus Crucificado e Ressuscitado como o «lugar teológico» por excelência. Ele é o caminho, a verdade e a vida. É a escada ou a ponte que nos conduz ao Céu, é o livro vivo no qual escreveu a verdade do Amor com o seu Sangue na sua própria carne. Ele é a Vida oferecida a todos no seu Costado, no seu Coração, de onde jorra a Água Viva do Espírito Santo, que é também o Sopro da sua Boca.

Catarina contempla incansavelmente os Mistérios da Encarnação, da Redenção e da Igreja, onde Maria está sempre intimamente unida a Jesus. Uma das melhores sínteses encontra-se em duas longas orações pronunciadas em Roma em 1379, um ano antes da sua morte, com dois dias de intervalo entre elas: *a oração a Maria no dia da Anunciação (Oração 11, 25 de março)* e *a oração a Jesus na sua Paixão (Oração 12, 27 de março, domingo da Paixão)*.

No primeiro texto, ela contempla Jesus em Maria no primeiro instante da Encarnação, quando Maria lhe abre livremente «a porta da sua vontade» para que ele desça e tome carne no seu seio virginal³. É a cooperação materna fundamental de Maria no Mistério da Encarnação, no seu coração e no seu corpo de mulher. Nesta oração verifica-se a dinâmica cristocêntrica da primeira oração a Maria inspirada pelo Espírito Santo a Isabel: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre» (Lc 1, 42). Catarina contempla Jesus no seio de Maria, carregando já a sua Cruz, desejando desde o primeiro instante a realização da nossa salvação, uma grande verdade bem demonstrada por São Tomás (*S. Th, III* q 33 e 34).

O segundo texto contempla o momento em que Jesus derrama o seu Sangue na Cruz para salvar toda a humanidade e a fazer renascer como sua Esposa do seu Lado aberto, como da sua costela, perto do seu Coração⁴. É o «lugar» da santa Igreja, a «doce Esposa de Cristo».

Noutros textos, Catarina contempla Maria junto à Cruz na sua cooperação materna para o Mistério da Redenção, com toda a força da sua Fé, da sua Esperança e do seu Amor. Fiel ao texto do Evangelho, Catarina contempla Maria de pé junto à Cruz de Jesus, e não desmaiada e sustentada por João, segundo a iconografia da sua época, de acordo com a falsa ideia da fraqueza feminina e

³ A oração começa com um louvor entrelaçado de símbolos bíblicos, no mesmo tom do *Hino Acatisto*. É oportuno citar o texto original em italiano medieval: «Ó Maria, Maria, templo da Trindade! Ó Maria, portadora do fogo! Maria, portadora da misericórdia, Maria germinadora do fruto, Maria redentora da geração humana, porque sustentando-se a tua carne no Verbo, foi redimido o mundo: Cristo redimiu com a sua paixão e tu com a dor do corpo e da mente. Ó Maria mar pacífico, Maria doadora da paz, Maria terra frutífera. Tu, Maria, és aquela planta nova da qual temos a flor perfumada do Verbo unigénito, Filho de Deus, porque em ti, terra frutífera, foi semeado este Verbo. Tu és a terra e és a planta. Ó Maria carro de fogo, tu trouxeste o fogo escondido e velado sob as cinzas da tua humanidade. Ó Maria, vaso de humildade, no qual está e arde a luz do verdadeiro conhecimento, com a qual te elevaste acima de ti mesma e, por isso, agradaste ao Pai eterno, que te raptou e atraiu para si, amando-te com amor singular. Com esta luz e fogo da tua caridade e com o óleo da tua humildade, atraíste e inclinaste a sua divindade a vir a ti, embora antes tenha sido atraída pelo fogo ardente da sua inestimável caridade a vir a nós» (Texto da edição crítica de Giuliana Cavallini: S. CATARINA DE SENA: *Le Orazioni*, Roma, 1978, Ed Cateriniane, pp. 118-120). Aqui encontramos um exemplo de interpretação correta da «co-redenção».

⁴ O termo grego *pleura* usado por São João para indicar o lado de Jesus aberto na cruz e sempre aberto após a ressurreição, é um termo feminino que também significa costela. É o termo usado na narrativa simbólica da criação de Eva a partir do lado ou da costela de Adão adormecido (Gn 2, na tradução dos Setenta).

da força masculina. Maria é uma verdadeira mãe humana que sente toda a dor da mãe que vê o seu filho sofrer e morrer, mas ela é ao mesmo tempo a Santa Mãe de Deus sustentada e iluminada pelo Espírito Santo, que participa de maneira única no Sacrifício Redentor do Filho. Podemos citar aqui as palavras do Concílio Vaticano II que correspondem exatamente à doutrina de Catarina:

«A bem-aventurada Virgem avançou na sua peregrinação de fé, mantendo fielmente a união com seu Filho até à Cruz, onde, segundo um desígnio divino, estava de pé (Jo 19, 25), sofrendo cruelmente com o seu único Filho, associada com coração maternal ao seu sacrifício, dando o consentimento do seu amor à imolação da vítima nascida da sua carne, para ser finalmente dada pelo próprio Cristo Jesus moribundo na cruz como mãe ao discípulo com estas palavras: «Mulher, eis o teu filho (cf. João 19, 26-27)». (*Lumen Gentium*, n. 58).

Catarina faz parte daquelas mulheres santas que estão com Maria junto à Cruz, enquanto todos os homens, os Apóstolos, fugiram. Apenas João voltou, apoiado por Maria e pelas outras mulheres. Catarina partilha o seu amor maternal pela Igreja, então tão profundamente ferida e doente, «leprosa» segundo as suas palavras, devido ao pecado dos eclesiásticos que provocará o Grande Cisma do Ocidente em 1378.

Sacramento do Corpo e do Sangue de Jesus, a Eucaristia é o Coração vivo da Igreja, fonte inesgotável de Santidade para todos, e em primeiro lugar para os sacerdotes. O seu desejo profético da Comunhão diária só se realizará sete séculos depois, com o Papa São Pio X.

- São João Eudes e São Luís Maria Grignon de Montfort

São João Eudes e São Luís Maria Grignon de Montfort são os principais representantes da grande espiritualidade cristocêntrica da *Escola Francesa*, fundada pelo cardeal Pierre de Bérulle no início do século XVII. Ambos são candidatos ao doutorado da Igreja e, há muitos anos, tenho trabalhado incessantemente pelas suas duas causas de doutorado, em colaboração com as suas duas famílias espirituais dos Monfortinos e dos Eudistas⁵.

Quando o nosso Papa Leão manifestou a intenção de declarar John Henry Newman Doutor da Igreja, enviei-lhe imediatamente uma petição a favor destes dois Doutorados (**Anexo 3**). Trata-se de dois sacerdotes que receberam em Paris uma excelente formação teológica de nível universitário, mas são sobretudo dois místicos que experimentam no Amor toda a Verdade do Mistério de Jesus. São mestres espirituais, missionários e fundadores de novas famílias na Igreja.

O seu grande contributo para a espiritualidade mariana do Povo de Deus é um dos frutos mais belos da nova proposta cristocêntrica de Bérulle, na perspetiva de Santo Anselmo sobre Jesus Deus-Homem, mas em resposta aos novos desafios da modernidade nascente. Bérulle é ao mesmo tempo um místico e um especulativo genial, cujo principal mérito foi o de superar a antítese entre o teocentrismo da Idade Média e o antropocentrismo do Renascimento, numa nova proposta de cristocentrismo, como «teo-antropocentrismo». O centro de tudo não é apenas Deus nem apenas o homem, mas o Deus-Homem Jesus Cristo. Poder-se-ia falar de uma verdadeira «viragem teo-antropológica» de Bérulle, que marcou profundamente a teologia e a espiritualidade, primeiro em França e depois em toda a Igreja. Nestas imensas perspetivas do Mistério de Jesus e da Recapitulação de todas as coisas Nele, pode-se perceber melhor o lugar e o papel de Maria, sempre em relação com a Igreja. Bérulle aprofundou de modo particular o Mistério da Maternidade Divina de Maria como relação inédita de uma simples criatura com a Pessoa Divina do Filho.

Nesta luz, o Nome de Jesus ocupa o primeiro lugar, antes do Nome de Deus. Isso é evidente nos escritos de Santa Teresa de Lisieux, onde o Nome de Jesus é duas vezes mais frequente do que o Nome de Deus. O Carmelo de Lisieux era berulliano e Teresa é uma das principais testemunhas desta nova expressão do cristocentrismo.

⁵ Em 2000, publiquei uma nova edição do *Tratado da Verdadeira Devoção* e do *Segredo de Maria* que o resume, com uma longa introdução teológica, em todo ao seu Doutoramento: *L'Amour de Jésus en Marie* (Genebra, 2000, ed. Ad Solem, 2 vol.).

No final de suas vidas, João Eudes e Luís Maria escreveram suas obras-primas, nas quais toda essa doutrina está sintetizada. Por um lado, *O Admirável Coração da Santa Mãe de Deus*, concluído por São João Eudes em 1680, poucos dias antes de sua morte, e, por outro, o *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, escrito por São Luís Maria por volta de 1712, mas descoberto apenas em 1842. Os dois textos complementam-se perfeitamente. O de Jean Eudes é muito longo (1500 páginas)⁶, enquanto o de Luís Maria é breve (200 páginas).

Nestes dois textos encontramos a mesma síntese de todo o Mistério cristão, contemplando *Jesus em Maria e Maria em Jesus*, ou seja, *Maria no Mistério de Cristo e da Igreja* (cf. *Lumen Gentium*, cap. VIII). Jesus está sempre no centro, como verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, com o Pai e o Espírito Santo. Ele é o Absoluto com o qual Maria e a Igreja são totalmente relativas.

Como recordou o nosso Papa Leão na sua primeira mensagem aos Bispos de França, a 28 de maio de 2025, João Eudes «foi o primeiro a celebrar o culto litúrgico dos Corações de Jesus e de Maria». Na realidade, ele celebrou primeiro o Coração de Maria e depois o Coração de Jesus. Foi no Coração de Maria que ele descobriu plenamente o Coração de Jesus. A simbologia do Coração desenvolvida por Jean Eudes no *Coração Admirável* abrange toda a realidade de Deus e do Homem, da carne e do espírito, da natureza e da graça.

Maria é sempre contemplada no interior do Mistério de Jesus, inteiramente relativa a Ele e dependente Dele. Ele é tudo e ela não é nada:

«Não é verdade que temeis ofender a incomparável bondade do Coração adorável de Jesus, vosso Deus e vosso Redentor, se vos dirigis à caridade do Coração de sua Mãe? Mas não sabeis que Maria nada é, nada tem e nada pode sem Jesus, por Jesus e em Jesus; e que é Jesus que é tudo, que pode tudo e que faz tudo nela? Não sabeis que foi Jesus que fez o Coração de Maria como ele é, e que quis fazer dele uma fonte de luz, de consolação e de todo o tipo de graças, para todos aqueles que a ele recorrerem nas suas necessidades? Não sabeis que Jesus não só reside e habita continuamente no Coração de Maria, mas que ele mesmo é o Coração de Maria, o Coração do seu Coração e a alma da sua alma; e que, portanto, vir ao Coração de Maria significa vir a Jesus; honrar o Coração de Maria significa honrar Jesus; invocar o Coração de Maria significa invocar Jesus? (VI, p. 189).

Como Santo Anselmo, S. João Eudes pede para amar Maria com o Coração de Jesus e amar Jesus com o Coração de Maria:

«Ó Jesus, Filho único de Deus, que quiseste ser o Filho único de Maria e colocar-nos ao nível dos seus filhos e dos vossos irmãos, faz-nos participar, nós te pedimos, do amor que tens por ela, assim como do amor que ela tem por vós, para que amemos Jesus com o Coração de Maria e amemos Maria com o Coração de Jesus, e tenhamos um só coração e um só amor com Jesus e Maria» (VIII, p. 105).

Tudo vem de Jesus e tudo volta para Ele. É Ele que nos dá sempre a sua Mãe para que, com Ela, possamos amá-Lo perfeitamente. É a dinâmica batismal da renúncia como descentramento de si mesmo para se doar totalmente a Jesus por meio de Maria:

«O nosso Salvador não só nos deu o seu Coração divino, juntamente com o Coração santo da sua bendita Mãe, para ser a nossa regra, mas também para ser o nosso Coração: para que, sendo membros de Jesus e filhos de Maria, tenhamos um só coração com o nosso adorável Chefe e a nossa divina Mãe, e realizemos todas as nossas ações com o Coração de Jesus e de Maria, isto é, em união com as santas intenções e disposições com que Jesus e Maria realizavam todas as suas ações. Para tal fim, tenham grande cuidado, pelo menos no início das vossas principais ações, de renunciar completamente a vós mesmos e de vos doardes a Jesus para vos unirdes ao seu divino Coração, que é um com o da sua santa Mãe, e para entrardes no amor, na caridade, na humildade e na santidade

⁶ O texto completo do *Coração Admirável* encontra-se nos volumes VI, VII e VIII das *Oeuvres Complètes* de São João Eudes (Paris, 1911, ed. Lethielleux e Beauchesne). Referimo-nos a esta edição indicando os volumes e as páginas.

deste mesmo Coração, a fim de realizar todas as coisas com as santas disposições de que ele sempre esteve cheio (VIII, p. 113-114).

A mesma doutrina encontra-se no *Tratado* de São Luís Maria, que é admiravelmente construído como um «jardim à francesa» da época (**Anexo 4**). Na grande dinâmica do cristocentrismo trinitário do Símbolo de Niceia-Constantinopla, Maria é contemplada no coração do Mistério de Jesus. É com Ela e nela que Luís Maria opera uma nova síntese de todas as verdades da fé e da vida cristã.

De facto, Maria ocupa o mesmo lugar no movimento descendente da Encarnação e da Paixão Redentora, onde Jesus nos dá Maria como Mãe, e no movimento ascendente da nossa divinização⁷. Isto aparece claramente na articulação das duas partes do *Tratado*. Luís Maria contempla primeiro Maria no Mistério de Cristo e da Igreja (n. 1-89) antes de destacar o caminho eclesial da santidade vivido com Maria e em Maria (n. 90-273) no desenvolvimento da graça do novo nascimento batismal.

Esta espiritualidade mariana e eclesial baseia-se no batismo e encontra a sua realização na Eucaristia, Sacramento do Corpo e do Sangue de Jesus *Verum Corpus natum de Maria Virgine*. No final eucarístico do seu *Tratado*, Luís Maria convida os fiéis a viver a Santa Comunhão com Maria e em Maria, entregando-se totalmente a Jesus através dela (o *Totus Tuus* continuamente inspirado e copiado por João Paulo II, n.º 266).

Luís Maria convida-nos a acolher plenamente na nossa vida este Dom que Jesus Redentor nos fez, dando-nos a sua Mãe (cf. João 19, 25-27). Maria nunca deixa de nos dar Jesus e de nos dar a Ele, fazendo-nos participar da sua Fé, da sua Esperança e do seu Amor.

A primeira «verdade fundamental» desta espiritualidade mariana é o Absoluto e a centralidade de Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Criador e único Salvador (n. 61). Maria é completamente relativa a Ele, de tal forma que «a sólida devoção à Santa Virgem (...) só nos é necessária para encontrar perfeitamente Jesus Cristo, amá-Lo ternamente e servi-Lo fielmente» (n. 62). Da mesma forma, o Espírito Santo quer fazer de nós «cópias vivas de Maria para amar e glorificar Jesus Cristo» (n. 217).

Maria é Mãe de Cristo e da Igreja, inseparavelmente Mãe da Cabeça e dos membros do seu Corpo Místico. A maternidade virginal de Maria na Encarnação prolonga-se na Igreja, onde o Espírito Santo não cessa de formar os membros do Corpo de Cristo⁸. Desde o primeiro instante

⁷ Pode-se citar, por exemplo, este belíssimo texto do *Tratado*: «Esta prática de devoção à Santíssima Virgem é um caminho perfeito para ir e unir-se a Jesus Cristo, pois a divina Maria é a mais perfeita e a mais santa das criaturas puras, e Jesus Cristo, que veio perfeitamente até nós, não tomou outro caminho na sua grande e admirável viagem. O Altíssimo, o Incompreensível, o Inacessível, Aquele que É, quis vir até nós, pequenos vermes, que não somos nada. Como isso aconteceu? O Altíssimo desceu perfeita e divinamente através da humilde Maria até nós, sem perder nada de sua divindade e santidade; e é através de Maria que os mais pequenos devem subir perfeita e divinamente ao Altíssimo sem nada temer. O Incompreensível deixou-se compreender e encerrar perfeitamente na pequena Maria, sem perder nada da sua imensidade; é também através da pequena Maria que devemos deixar-nos encerrar e guiar perfeitamente, sem qualquer reserva. O Inacessível aproximou-se, uniu-se estreitamente, perfeitamente e até pessoalmente à nossa humanidade através de Maria, sem perder nada da sua Majestade; é também através de Maria que devemos aproximar-nos de Deus e unir-nos à sua Majestade perfeitamente e estreitamente, sem temer ser rejeitados. Finalmente, Aquele que É quis vir ao que não é e fazer com que o que não é se tornasse Deus ou Aquele que É; Ele fez isso perfeitamente, doando-se e submetendo-se inteiramente à jovem Virgem Maria, sem deixar de ser no tempo Aquele que É desde toda a Eternidade; da mesma forma, é através de Maria que, embora não sejamos nada, podemos tornar-nos semelhantes a Deus, por graça e glória, doando-nos a ela tão perfeita e inteiramente, de forma que não sejamos nada em nós mesmos e tudo nela, sem medo de errar» (VD, n. 157).

⁸ Luís Maria usa a este respeito o símbolo do «molde»: «Maria é chamada por Santo Agostinho, e é de facto, o molde vivo de Deus, *forma Dei*, ou seja, é somente nela que o Deus-Homem foi formado sem que lhe faltasse qualquer traço da Divindade, e é também somente nela que o homem pode ser formado em Deus, na medida em que a natureza humana é capaz, pela graça de Jesus Cristo. Um escultor pode realizar uma figura ou um retrato natural de duas maneiras: 1º, utilizando a sua habilidade, a sua força, a sua ciência e a eficiência

da Encarnação, Jesus é já a Cabeça do Corpo Místico⁹. Levando em seu Seio Virginal «Aquele que os Céus não podem conter», Maria leva já em si, de certa forma, os membros do seu Corpo Místico. Assim, Luís Maria convida-nos a viver no Seio Materno de Maria para viver plenamente a nossa configuração com Cristo Cabeça, tal como Catarina nos convida a viver no Lado de Jesus Esposo, para viver plenamente o Mistério da Santa Igreja, Esposa de Jesus. O dogma da Assunção dá-nos a certeza de que Maria está glorificada no seu Corpo de Mulher, unido para a eternidade ao Corpo de Jesus Ressuscitado. O Concílio destaca o significado eclesiológico e escatológico do Dogma da Assunção (cf. *Lumen Gentium*, n. 68-69).

- Santa Teresa de Lisieux

Designada pelo Papa Francisco como «Doutora da Síntese»¹⁰, Teresa de Lisieux integra a espiritualidade mariana do Carmelo na grande perspectiva do cristocentrismo berulliano¹¹. Como já observámos, isso é evidente sobretudo no facto de o Nome de Jesus ocupar o primeiro lugar, estando presente nos seus escritos com uma frequência duas vezes superior à do Nome de Deus. Juntamente com o nome de Jesus, a palavra Amor é a mais frequente, juntamente com o verbo Amar, o que se resume nas palavras que ela mesma gravou na parede da sua cela: «Jesus é o meu único Amor».

Num dos seus primeiros poemas, ela fornece-nos a chave da sua espiritualidade mariana, sempre perfeitamente cristocêntrica:

«Ó Virgem Imaculada! Tu és a Doce Estrela
Que me dás Jesus e me unes a Ele
Ó Mãe! Deixa-me repousar sob o teu manto
Somente por hoje.»¹².

dos seus instrumentos para realizar esta figura num material duro e informe; 2º, pode realizá-la num molde. A primeira é longa e difícil e sujeita a muitos acidentes: muitas vezes basta um golpe de cinzel ou de martelo dado de forma inadequada para estragar todo o trabalho. O segundo é rápido, fácil e suave, quase sem esforço e sem custos, desde que o molde seja perfeito e represente o natural; desde que o material que usa seja bem maleável, sem oferecer qualquer resistência à sua mão. Maria é o grande molde de Deus, feito pelo Espírito Santo, para formar um Homem Deus por meio da união hipostática, e para formar um homem Deus por meio da graça. A este molde não falta nenhum traço da Divindade; quem quer que seja lançado nele e se deixe moldar, recebe todos os traços de Jesus Cristo, verdadeiro Deus, de forma suave e proporcional à fraqueza humana, sem demasiada agonia e esforço; de maneira segura, sem medo de ilusões, porque o demónio não teve e nunca terá acesso a Maria, santa e imaculada, sem a sombra da menor mancha de pecado. Oh! Querida alma, que diferença há entre uma alma formada em Jesus Cristo com os meios comuns daqueles que, como os escultores, confiam na sua habilidade e se entregam à sua indústria, e entre uma alma bem maleável, bem solta, bem fundida, que, sem qualquer apoio em si mesma, se entrega a Maria e se deixa moldar pela obra do Espírito Santo! Quantas manchas, quantos defeitos, quanta obscuridade, quantas ilusões, quanta mundanidade há na primeira alma; e quão pura, divina e semelhante a Jesus Cristo é a segunda! (*Segredo de Maria*, n. 16-18).

⁹ São Paulo VI recordou esta verdade no seu discurso solene ao Concílio, promulgando a Constituição *Lumen Gentium* e declarando Maria Mãe da Igreja (21 de novembro de 1964).

¹⁰ Exortação Apostólica *C'est la confiance* (n. 51),

¹¹ Cf. o meu livro: *L'Amore di Gesù. La cristologia di santa Teresa di Gesù Bambino* (Roma, 1999, Libreria Editrice Vaticana).

¹² P 5, str 11. Os textos de Teresa são citados no volume das suas *Obras Completas* (Paris, 1992, ed. Cerf/DDB, tradução italiana publicada em 1997 pela Libreria Editrice Vaticana em conjunto com a Edizioni OCD), com as siglas Ms para os três *Manuscritos Autobiográficos A, B e C* (com indicação das folhas frente/verso), Cta para as *Cartas*, P para as *Poesias*, PR para as *Recreação Piedosas* e Or para as *Orações*. *A História de uma Alma* é o livro de Teresa que reúne os seus escritos essenciais: os três *Manuscritos Autobiográficos* e as duas principais *Orações: A Oração no dia da sua Profissão Religiosa e a Oferta ao Amor Misericordioso* (Roma, 2015, ed OCD, com prefácio de Bento XVI e apresentação de F.M. Léthel ocd).

Tudo já está dito nestas simples palavras! Jesus deu-nos a sua Mãe para que ela nos desse sempre a Ele e nos unisse a Ele. Teresa usa abundantemente esta simbologia tradicional do véu ou manto de Maria para significar a sua maternidade eclesial. Ela entrou no Carmelo para viver escondida «à sombra do seu manto virginal» (Ms A, 57r). Para Teresa, viver sob o véu ou o manto de Maria significa partilhar a sua intimidade com Jesus em todos os seus Mistérios, desde a Encarnação até à Cruz, depois na Ressurreição e na glória do Céu.

Durante o noviciado, Teresa escreve uma carta maravilhosa à sua prima Marie Guérin, que havia deixado de comungar devido aos seus escrúpulos. Ela convida-a a comungar com frequência, insistindo não tanto no seu desejo de receber Jesus, mas no desejo de Jesus de vir até ela e se doar a ela¹³. Por fim, ela diz: «Não receies de amar *demasiado* a SS^{ma} Virgem, *nunca* a amarás suficientemente, e Jesus ficará muito contente visto que a SS^{ma} Virgem é a sua Mãe» (Cta 92). Com estas simples palavras, Teresa oferece-nos a melhor interpretação do ditado medieval *De Maria nunquam satis*, muitas vezes mal interpretado pelos pregadores do seu tempo, no sentido de privilégios e factos maravilhosos e extraordinários que, segundo os apócrifos, teriam preenchido a vida de Maria. Teresa interpreta-o corretamente do ponto de vista do Amor. Nunca se amarà o suficiente (*nunquam satis*) Maria, segundo o desejo do próprio Jesus. Para São Luís Maria de Montfort, o erro dos «devotos escrupulosos» é justamente ver o amor de Maria em concorrência com o amor de Jesus, o medo de não amar Jesus o suficiente por amar Maria demais¹⁴. Esta carta é um exemplo da presença contínua do fio eucarístico e do fio mariano na vida de Teresa.

Teresa contempla Maria e a Igreja na grande Luz do Amor de Jesus, aquela luz que ilumina todos os seus escritos. Na sua última Encíclica *Dilexit nos*, que é o seu testamento espiritual, o Papa Francisco dedica amplo espaço a Teresa de Lisieux como testemunha privilegiada *do Amor humano e divino do Coração de Jesus Cristo*. No último capítulo, recomenda a sua *Oferta ao Amor ou Misericordioso* como a melhor expressão da espiritualidade e da consagração ao Sagrado Coração. É à luz dos Corações de Jesus e de Maria que descobre o Coração da Igreja (*Manuscrito B*)¹⁵.

Maria e a Igreja são sempre contempladas na perspetiva do cristocentrismo trinitário do Símbolo de Niceia-Constantinopla. Teresa dá-lhe a expressão mais completa na sua *Oferta ao Amor Misericordioso*. O seu contínuo ato de amor, «Jesus, eu amo-te», mergulha-a no coração da comunhão trinitária: «Ah! Tu sabe-l’O, Divino Jesus, eu amo-Te/ O Espírito de Amor abrasa-me como com o seu fogo/ Amando-Te eu atraio o Pai» (P 17, 2).

A Divindade das Três Pessoas, unida à nossa Humanidade na Pessoa do Filho, resplandece através do atributo da Misericórdia, através da qual Teresa contempla a Justiça e todas as outras perfeições divinas. Mais do que todos os santos que a precederam, ela penetrou toda a profundidade da Infinita Misericórdia, e esta é a fonte da sua esperança ilimitada pela salvação de todos os seus irmãos¹⁶.

¹³ Esta carta impressionou particularmente São Pio X no momento em que abriu a causa de beatificação de Teresa. Ela encorajava-o no seu empenho em favor da comunhão frequente e diária. Ele profetizou que ela seria «a maior santa dos tempos modernos». Também o Papa Francisco insiste no valor desta espiritualidade eucarística de Teresa (*C’est la confiance*, 22).

¹⁴ «Os devotos *escrupulosos* são pessoas que temem desonrar o Filho honrando a Mãe, ou diminuir um exaltando o outro» (*Tratado da Verdadeira Devoção*, 94).

¹⁵ Segundo o Papa Francisco, esta é uma das maiores descobertas de Teresa, uma das suas maiores contribuições ao Povo de Deus (*C’est la confiance*, 38-41).

¹⁶ O Papa Francisco insiste neste ponto: «Para Teresa, de facto, Deus resplandece sobretudo na sua misericórdia, chave para compreender tudo o que se diz sobre Ele: “Ele deu-me a sua *infinita Misericórdia*, e é *através dela* que contemplo e adoro as outras perfeições divinas! Então, todas me parecem radiantes *de amor*, a própria Justiça (e talvez ainda mais do que todas as outras) me parece revestida de amor» (Ms A, 83v). Esta é uma das descobertas mais importantes de Teresa, uma das suas maiores contribuições para todo o povo de Deus. Ela entrou de forma extraordinária nas profundezas da misericórdia divina e dela tirou a luz da sua esperança sem limites» (*C’est la confiance*, 27).

Na Pessoa de Jesus, a infinita grandeza da Divindade está unida à extrema pequenez da nossa Humanidade. Para ela, como para São Francisco de Assis, a pequenez e a pobreza são, antes de tudo, a pequenez e a pobreza do Filho de Deus que se rebaixa ao extremo nos Mistérios da Encarnação, da Paixão e da Eucaristia, pois é «próprio do Amor baixar-se» (Ms A, 2v). Ela dá a síntese mais bela na sua última *Carta*, poucas linhas sobre uma imagem pintada por ela mesma que representa o Menino Jesus na Hóstia consagrada nas mãos do sacerdote: «Não posso temer um Deus que Se fez tão pequeno por mim... amo-O!... Porque Ele é só Amor e Misericórdia» (CT 266).

A carmelita que se chama Teresa do Menino Jesus da Santa Face vive uma comunhão privilegiada com os Mistérios da Encarnação e da Paixão Redentora, e isto sempre na união mais íntima com Jesus na sua vida oculta de carmelita sob o véu ou o manto de Maria.

Com uma linguagem simples, expressa a melhor cristologia da Igreja. O Menino Jesus, tão fraco e frágil nos braços de Maria, não perdeu a sua Divindade ao assumir a nossa Humanidade. Ele é sempre o Deus Todo-Poderoso e Criador, e na sua Humanidade já é o Salvador que conhece e ama pessoalmente cada um de nós:

«Com a tua mãozinha que acariciava Maria
Sustinhas o mundo e davas-lhe a vida
E pensavas em mim» (P 24, 6).

No mesmo poema, contemplando Jesus na sua agonia, ela diz-lhe: «Tu viste-me» (estrofe 21). Esta é uma grande verdade cristológica, essencial para a nossa comunhão com os Mistérios da sua vida terrena. O seu fundamento teológico foi explicado por São Tomás: desde o primeiro instante da Encarnação no seio de Maria, a alma de Jesus sempre teve a visão de Deus face a face (e não a fé). Tal como Catarina, João Eudes, Luís Maria e outros místicos, Teresa mostra-nos a importância desta verdade para a nossa vida. Podemos realmente amar Jesus na sua infância e em todos os Mistérios da sua vida terrena porque Ele nos amou primeiro nos seus Mistérios. Ao ler o Evangelho como o contínuo ato de amor: «Jesus, eu amo-te», Teresa torna-se contemporânea de todos estes Mistérios. É a caridade teológica por meio da qual o Espírito Santo a faz sair de si mesma para entrar no Coração de Jesus. É o carácter «extático» do Amor segundo Dionísio, o Areopagita (*ágape* e *eros*).

A mística cristocêntrica de Teresa é caracterizada por este duplo fio eucarístico e mariano, a partir das duas experiências fundamentais da sua infância, que são o «sorriso de Maria» (Ms A, 29v-30v) e a sua Primeira Comunhão, seguida da Consagração a Maria (Ms A, 34rv). Vivendo a Eucaristia com Maria na Igreja, ela vive a Comunhão como a união mais íntima entre o Esposo e a sua Esposa (P 33, 3), entre o Filho e a sua Mãe, comunicando-se com Maria no Mistério da Encarnação. Assim, no seu grande poema mariano *Por que te amo, ó Maria* (**Anexo 5**), depois de contemplar a Encarnação do Filho no momento da Anunciação, ele identifica-se com Maria através da comunhão eucarística:

«Ó Mãe bem-amada, apesar da minha pequenez
Como tu possuo em mim o Onnipotente
Mas eu não tremo ao ver a minha fraqueza:
O tesouro da mãe pertence ao filho
E eu sou tua filha, ó minha Mãe querida!
As tuas virtudes, o teu amor, acaso não são meus?
Por isso quando a Hóstia branca vem ao meu coração
Jesus, o teu Manso Cordeiro, julga repousar em ti!...» (P 54, 5).

Contrariamente à opinião comum da sua época, Teresa estava consciente de conservar continuamente em si a presença de Jesus Eucaristia, como «a sua píxide preferida», o seu «santuário vivo» (P 24, 29-30) e o seu Sacrário Vivo. Sofrendo por não poder receber a Comunhão todos os dias, ela diz a Jesus na sua *Oferta ao Amor Misericordioso*: «Permanece em mim como no Sacrário».

Interpretava de forma realista as palavras de Jesus: «Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece (*menei*) em mim e eu nele» (Jo 6, 56), sem imaginar um milagre de permanência das espécies eucarísticas no seu corpo (segundo uma opinião da sua época, partilhada pelas suas irmãs). Os «acidentes» do pão e do vinho são o véu da fé que cobre a «substância» do Corpo e do Sangue de Jesus. Após a Comunhão, quando este véu desaparece, permanece a substância do Corpo de Jesus que se incorporou em nós e que nos incorporou n'Ele nesta união íntima e imediata de caridade, a mesma na terra como no Céu¹⁷.

O poema *Porque te amo, ó Maria!* é o último poema de Teresa e a síntese da sua espiritualidade mariana. Baseia-se exclusivamente no texto do Evangelho, relendo todas as passagens em que Maria está presente, repetindo continuamente o ato de amor: «Amo-te, ó Maria!». Através de Maria, este ato de amor é sempre dirigido a Jesus, a Jesus por Maria.

Aos pregadores do seu tempo que falavam da grandeza e dos privilégios de Maria de forma imprecisa e triunfalista, ela lembra o principal privilégio de Maria na sua vida terrena, o privilégio da pequenez e da pobreza. Maria é a maior no Reino dos Céus porque é a menor (cf. Mt 18, 4). É na extrema pobreza do nascimento de Jesus que Teresa contempla a verdadeira grandeza da Mãe de Deus e a grandeza divina do seu Filho na extrema pequenez da Encarnação:

«Mais tarde em Belém, ó José e Maria!
Vejo-vos rejeitados por todos os habitantes
Ninguém quer receber na sua hospedaria
Uns pobres estrangeiros, o lugar é para os grandes...
O lugar é para os grandes e é num estábulo
Que a Rainha dos Céus dará à luz um Deus.
Ó minha Mãe querida, quão amável me pareces
Como te acho grande num lugar tão pobre!...

Quando vejo o Eterno envolto em paninhos
Quando do Verbo Divino oiço o débil vagido,
Ó minha Mãe querida, já não invejo os anjos
Pois o seu Poderoso Senhor é o meu Irmão querido!...
Como te amo, Maria, tu que na terra
Fizeste desabrochar esta Divina Flor!...
Como te amo quando escutas os pastores e os magos
E guardas todas as coisas no teu coração!...» (P 54, 9 e 10).

No mesmo período, Teresa escreveu o relato comovente da sua grande «prova contra a fé», que a torna fraternalmente próxima de todos os ateus do mundo moderno, a quem ela chama «meus irmãos» (Ms C, 4v-7v). Sem nunca ceder à dúvida, ela acredita heroicamente, caminhando sempre com Maria na maior escuridão da fé: «Mãe, o teu doce Filho quer que sejas o exemplo / Da alma que O procura na noite da fé» (15). Enquanto os apócrifos enchem a vida de Maria de eventos maravilhosos, os nossos Evangelhos revelam-nos uma vida muito simples:

«Sei que em Nazaré, Mãe cheia de graça,
Viveste pobremente, não querendo nada mais,
Nem arroubamentos, nem milagres, nem êxtases
Embelezam a tua vida, ó Rainha dos Eleitos!...
O número dos pequenos é bem grande na terra
Eles podem sem receio erguer os olhos para ti
É pela *via comum*, incomparável Mãe,
Que te apraz caminhar guiando-os para o Céu» (17).

¹⁷ Esta espiritualidade eucarística e mariana foi vivida na própria família do Carmelo pela Venerável Irmã Lúcia de Fátima. Cf. o meu livro escrito em colaboração com a Irmã Ângela Coelho, vice-postuladora da Causa de Lúcia: *Vivere nella Luce di Dio. Itinerario di Lucia di Gesù, Apostola di Fatima a partire dal Carmelo* (Roma, 2025, ed OCD).

Filha e discípula de São João da Cruz, Teresa relativiza todos aqueles fenómenos místicos que estão ausentes da sua vida. Maria foi a primeira a seguir este «caminho comum», o «pequeno caminho» acessível a todos os pequenos. Maria partilha com toda a Igreja a perfeição da sua Fé, da sua Esperança e do seu Amor, e nisso é imitável por todos.

Assim, Teresa caminha com Maria desde o Presépio até à Cruz, momento culminante da sua fé, na sua plena participação no Sacrifício Redentor do seu Filho. É aqui que Maria lhe inspira a mais bela definição do Amor (sublinhada por Teresa): «*Amar é dar tudo e dar-se a si mesmo*» (22).

A sua *Oferta ao Amor Misericordioso como Vítima de Holocausto* é precisamente a doação total (*holos*) de si mesma ao Fogo do Espírito de Amor que consumou na Cruz o Sacrifício do único Redentor. Ela «abandona a sua oferta» a Maria, exatamente como fazia São Luís Maria na sua Consagração a Jesus por Maria, com o outro símbolo bíblico da «Escravidão do Amor», em referência a Jesus que assumiu a condição de escravo até à morte na Cruz (cf. Fl 2, 7-8). Esta doação total de si mesmo abre o nosso coração à abundância do Dom de Deus, ou seja, àquela nova intensidade de vida de fé, esperança e amor que é a essência da vida mística, independentemente de todo o fenómeno extraordinário. O Papa Francisco diz isso de forma muito clara:

«No final da *História de uma alma*, Teresa oferece-nos a sua *Oferta como Vítima de Holocausto ao Amor Misericordioso do Bom Deus* (Or 6). Abandonando-se completamente à ação do Espírito, recebe, sem ruído nem sinais particulares, a superabundância da água-viva: «Os rios, ou melhor, os oceanos de graças que vieram inundar a minha alma...» (Ms A, 84r). É a vida mística que, mesmo sem fenómenos extraordinários, é proposta a todos os fiéis como experiência quotidiana de amor» (*C'est la confiance*, 35).

Por fim, sobre a delicada questão da cooperação de Maria e da Igreja no Mistério da Redenção, Teresa oferece-nos uma grande luz em dois textos: por um lado, o seu relato da salvação do criminoso Pranzini, o seu «primeiro filho» (Ms A, 45v-46v), e, por outro, a sua peça teatral sobre *a Fuga para o Egito* (Or 6).

Aos 14 anos, antes de entrar no Carmelo, no contexto eucarístico da missa dominical, Teresa ficou impressionada com uma imagem de Jesus Crucificado e tomou a decisão de permanecer espiritualmente aos pés da Cruz para recolher o Sangue de Jesus e comunicá-lo às almas que mais precisavam dele, os grandes pecadores que se encontravam no maior perigo, o da morte eterna no inferno, recusando até ao fim a Misericórdia do Redentor.

Quando Teresa tomou essa decisão, Jesus disse-lhe as mesmas palavras que dirigira a Maria: «Mulher, eis o teu filho» (cf. Jo 19, 26). Ele indicou-lhe este «primeiro filho» sem revelações extraordinárias, mas simplesmente através dos jornais que falavam de Pranzini, aquele «monstro» que tinha assassinado duas mulheres e uma menina, condenado à morte e impenitente. Por ele, Teresa manda celebrar a Missa para o colocar em contacto com o Sangue de Jesus, querendo «a todo o custo impedir que ele caísse no inferno». Por ele, ela espera com absoluta confiança, certa de que será salvo, mesmo sem confissão e sem qualquer sinal de arrependimento, e explica o motivo: «Era tanta a minha confiança na Infinita Misericórdia de Jesus». Toda a salvação está contida no Sangue de Jesus, ao qual ninguém pode acrescentar nada, nem Teresa, nem Maria, nem a Igreja. A cooperação amorosa de Maria e da Igreja, como Mãe e Esposa, é precisamente esta «mediação» entre o Redentor e o homem pecador redimido pelo seu sangue: «Era uma verdadeira troca de Amor; às almas eu dava o Sangue de Jesus, a Jesus eu oferecia essas mesmas almas refrescadas pelo seu orvalho divino».

A dimensão mariana desta primeira e fundamental experiência de maternidade espiritual é explicitada por Teresa na sua peça teatral *sobre a Fuga para o Egito*, no diálogo entre Maria e Susana, esposa do chefe dos ladrões e mãe do pequeno Dimas, que se tornará o Bom Ladrão do Evangelho. As palavras que Teresa atribui a Maria correspondem exatamente ao seu relato da salvação de Pranzini:

«É certo que aqueles que mais ama ofenderão o Deus que os encheu de benefícios; mas tende confiança na misericórdia infinita de Deus; Ela é suficientemente grande para apagar os maiores crimes quando encontra um coração de mãe que põe nela toda a sua confiança.

Jesus não deseja a morte do pecador, mas que ele se converta e viva eternamente. Este Menino que, sem dificuldade, acaba de curar da lepra o vosso filho, curá-lo-á um dia de uma lepra muito mais perigosa... Então, já não bastará um simples banho, será preciso que Dimas seja lavado no Sangue do Redentor... Jesus morrerá para dar a vida a Dimas, e este entrará no mesmo dia que o Filho de Deus no seu reino Celestial.» (RP 6, 10r).

Pode-se admirar a exatidão teológica deste texto. Só Jesus salva. O Menino Jesus, que curou o pequeno Dimas da lepra com um simples banho, mais tarde o curará da lepra do pecado, lavando-o no seu Sangue. Enquanto algumas representações populares mostravam Maria mais misericordiosa do que Jesus, Teresa apresenta-a como a Mãe que intercede junto do seu Filho com total confiança na sua infinita misericórdia, inteiramente contida no seu Sangue redentor.

- São João Bosco e a Família Salesiana

A mesma espiritualidade eucarística e mariana encontrou uma das suas máximas expressões em São João Bosco e na sua família salesiana. Para ele, Jesus Eucaristia e Maria Imaculada são como as «duas colunas» da Igreja na tempestade. O Papa Francisco recordou aos Salesianos de Turim o seu ensinamento sobre os «três amores brancos», que são Jesus Eucaristia, Maria e o Papa, uma expressão simples e popular do Amor de Jesus, de Maria e da Igreja que deve animar os fiéis.

Mais recentemente, esta espiritualidade eucarística e mariana foi vivida e aprofundada por duas filhas espirituais de Dom Bosco em vias de beatificação: a Serva de Deus Vera Grita, Cooperadora Salesiana (1923-1969) e a Serva de Deus Rosetta Marchese, Superiora Geral das Filhas de Maria Auxiliadora (1922-1984). Sem se conhecerem, elas viveram a mesma experiência de serem «Sacrários Vivos», guardando em si a Presença Eucarística de Jesus para fazê-la resplandecer misteriosamente no mundo, numa perspetiva profundamente missionária¹⁸. O seu testemunho é importante para a família salesiana e para toda a Igreja, para viver cada vez mais profundamente com Maria a Eucaristia como o grande Sacramento do Amor de Jesus no Coração da sua Igreja, para redescobrir toda a importância e o valor da Comunhão diária e da Adoração Eucarística.

Conclusão

No final deste percurso, podemos citar São Paulo VI no final da Audiência Geral de 27 de maio de 1964, durante o Concílio:

«Concluimos fixando em nossos corações a convicção de que Maria e a Igreja são realidades essencialmente enxertadas no desígnio de salvação que nos é oferecido pelo único princípio de graça e pelo único mediador entre Deus e os homens, que é Cristo; essencialmente! *E que quem ama Maria deve amar a Igreja; assim como quem quer amar a Igreja deve amar a Virgem Maria.* Saber unir na nossa devoção, salvando todas as proporções e todas as diferenças, Maria e a Igreja, seja a lembrança desta audiência, e que a nossa Bênção Apostólica o confirme».

¹⁸ Eu mesmo participei com os Salesianos na publicação dos escritos espirituais de Vera Grita no volume intitulado *Portami con te!* (Torino, 2017, ed Elledici, a ser publicado em breve em tradução francesa). Escrevi um artigo sobre Madre Rosetta Marchese: *A presença permanente do Corpo de Jesus em nós após a comunhão como verdadeira habitação eucarística, segundo a Serva de Deus Madre Rosetta Marchese* (Revista online *Mysterion*, setembro de 2021).

Lisieux, 14 de novembro de 2025
Festa de todos os Santos do Carmelo

François-Marie Léthel ocd
Membro da Pontificia Academia de Teologia
Consultor do Dicast  rio para a Causas dos Santos

Anexo 1

SANTO JOÃO PAULO II: *Carta aos Religiosos e Religiosas da Família Monfortina* (8 de dezembro de 2003)

Um texto clássico da espiritualidade mariana

Há cento e sessenta anos, foi publicada uma obra destinada a tornar-se um clássico da espiritualidade mariana. São Luís Maria Grignon de Montfort compôs o *Tratado da Verdadeira Devoção à Santa Virgem* no início do século XVIII, mas o manuscrito permaneceu praticamente desconhecido por mais de um século. Quando finalmente, quase por acaso, foi descoberto em 1842 e publicado em 1843, teve um sucesso imediato, revelando-se uma obra de extraordinária eficácia na difusão da «verdadeira devoção» à Santíssima Virgem. Eu mesmo, nos anos da minha juventude, tirei grande proveito da leitura deste livro, no qual «encontrei a resposta às minhas perplexidades» devido ao receio de que o culto a Maria, «expandindo-se excessivamente, acabasse por comprometer a supremacia do culto devido a Cristo» (*Dono e mistério*, p. 38). Sob a orientação sábia de São Luís Maria, compreendi que, se se vive o mistério de Maria em Cristo, esse risco não existe. O pensamento mariológico do Santo, de facto, «está enraizado no Mistério trinitário e na verdade da Encarnação do Verbo de Deus» (*ibid.*).

Desde as suas origens, e especialmente nos momentos mais difíceis, a Igreja contemplou com particular intensidade um dos acontecimentos da Paixão de Jesus Cristo relatado por São João: «Junto à cruz de Jesus estavam sua Mãe, a irmã de sua Mãe, Maria de Cléofas e Maria de Magdala. Então Jesus, vendo a sua Mãe e ao lado dela o discípulo que ele amava, disse à Mãe: «Mulher, eis o teu filho!». Depois disse ao discípulo: «Eis a tua Mãe!». E desde aquele momento o discípulo acolheu-a em sua casa» (Jo 19, 25-27). Ao longo da sua história, o Povo de Deus experimentou este dom feito por Jesus crucificado: o dom da sua Mãe. Maria Santíssima é verdadeiramente nossa Mãe, que nos acompanha na nossa peregrinação de fé, esperança e caridade rumo a uma união cada vez mais intensa com Cristo, único salvador e mediador da salvação (cf. Const. *Lumen gentium*, nn. 60 e 62).

Como é sabido, no meu brasão episcopal, que é a ilustração simbólica do texto evangélico acima citado, o lema *Totus tuus* é inspirado na doutrina de São Luís Maria Grignon de Montfort (cf. *Dono e mistério*, pp. 38-39; *Rosarium Virginis Mariae*, 15). Estas duas palavras expressam a pertença total a Jesus por meio de Maria: «*Tuus totus ego sum, et omnia mea tua sunt*», escreve São Luís Maria; e traduz: «Eu sou todo teu, e tudo o que é meu pertence-te, meu amável Jesus, por meio de Maria, tua santa Mãe» (*Tratado da Verdadeira Devoção*, 233). A doutrina deste Santo exerceu uma profunda influência na devoção mariana de muitos fiéis e na minha própria vida. Trata-se de uma *doutrina vivida*, de notável profundidade ascética e mística, expressa com um estilo vivo e ardente, que utiliza frequentemente imagens e símbolos. Desde o tempo em que viveu São Luís Maria, a teologia mariana desenvolveu-se muito, sobretudo através do contributo decisivo do Concílio Vaticano II. À luz do Concílio, a doutrina monfortina deve, portanto, ser relida e interpretada hoje, conservando, no entanto, a sua validade substancial.

Na presente Carta, gostaria de partilhar convosco, Religiosos e Religiosas das Famílias Monfortinas, a meditação de alguns trechos dos escritos de São Luís Maria, que nos ajudem nestes momentos difíceis a alimentar a nossa confiança na mediação materna da Mãe do Senhor.

Ad Iesum per Mariam

2. São Luís Maria propõe com singular eficácia a contemplação amorosa do mistério da Encarnação. A verdadeira devoção mariana é cristocêntrica. De facto, como recordou o Concílio Vaticano II, «a Igreja, pensando nela (Maria) com piedade e contemplando-a à luz do Verbo feito

homem, penetra com veneração e mais profundamente no altíssimo mistério da Encarnação» (Const. *Lumen gentium*, 65).

O amor a Deus através da união com Jesus Cristo é o fim de toda a devoção autêntica, porque – como escreve São Luís Maria – Cristo «é o nosso único mestre que deve instruir-nos, o nosso único Senhor de quem devemos depender, o nosso único Chefe a quem devemos permanecer unidos, o nosso único modelo a quem devemos conformar-nos, o nosso único médico que deve curar-nos, o nosso único pastor que deve alimentar-nos, o nosso único caminho que deve conduzir-nos, a nossa única verdade em que devemos acreditar, a nossa única vida que deve vivificar-nos e o nosso único tudo, em todas as coisas, que deve bastar-nos» (*Tratado da Verdadeira Devoção*, 61).

3. A devoção à Santa Virgem é um meio privilegiado «para encontrar Jesus Cristo perfeitamente, para amá-lo ternamente e servi-lo fielmente» (*Tratado da Verdadeira Devoção*, 62). Este desejo central de «amar ternamente» é imediatamente ampliado numa ardente oração a Jesus, pedindo a graça de participar na indizível comunhão de amor que existe entre Ele e a sua Mãe. A total relatividade de Maria a Cristo, e n'Ele à Santíssima Trindade, é antes de tudo experimentada na observação: «Sempre que pensas em Maria, Maria pensa por ti em Deus. Sempre que louvas e honras Maria, Maria louva e honra Deus contigo. Maria é totalmente relativa a Deus, e eu chamaria muito bem a *relação de Deus*, que não existe senão em relação a Deus, ou o *eco de Deus*, que não diz e não repete senão Deus. Se dizes Maria, ela repete Deus. Santa Isabel louvou Maria e disse-lhe que era bem-aventurada por ter acreditado. Maria – o eco fiel de Deus – entoou: *Magnificat anima mea Dominum*: a minha alma glorifica o Senhor. O que Maria fez nessa ocasião, ela repete todos os dias. Quando é louvada, amada, honrada ou recebe alguma coisa, Deus é louvado, Deus é amado, Deus é honrado, Deus recebe pelas mãos de Maria e em Maria» (*Tratado da Verdadeira Devoção*, 225).

É ainda na oração à Mãe do Senhor que São Luís Maria expressa a dimensão trinitária da sua relação com Deus: «Salve, Maria, Filha predileta do Pai eterno! Salve, Maria, Mãe admirável do Filho! Saúdo-te, Maria, Esposa fidelíssima do Espírito Santo!» (*Segredo de Maria*, 68). Esta expressão tradicional, já usada por São Francisco de Assis (cf. *Fonti Francescane*, 281), embora contenha níveis heterogêneos de analogia, é sem dúvida eficaz para expressar de alguma forma a participação peculiar da Virgem Maria na vida da Santíssima Trindade.

4. São Luís Maria contempla todos os mistérios a partir da *Encarnação* que se realizou no momento da Anunciação. Assim, no *Tratado da Verdadeira Devoção*, Maria aparece como «o verdadeiro paraíso terrestre do Novo Adão», a «terra virgem e imaculada» da qual Ele foi moldado (n. 261). Ela é também a *Nova Eva*, associada ao *Novo Adão* na obediência que repara a desobediência original do homem e da mulher (cf. *ibid.*, 53; Santo Ireneu, *Adversus haereses*, III, 21, 10-22, 4). Por meio dessa obediência, o Filho de Deus entra no mundo. A própria Cruz já está misteriosamente presente no instante da Encarnação, no momento da concepção de Jesus no seio de Maria. De facto, o *ecce venio* da Carta aos Hebreus (cf. 10,5-9) é o ato primordial de obediência do Filho ao Pai, já aceitação do seu Sacrifício redentor «quando entra no mundo».

«Toda a nossa perfeição — escreve São Luís Maria Grignion de Montfort — consiste em sermos conformes, unidos e consagrados a Jesus Cristo. Por isso, a mais perfeita de todas as devoções é, incontestavelmente, aquela que nos conforma, une e consagra mais perfeitamente a Jesus Cristo. Ora, sendo Maria a criatura mais conforme a Jesus Cristo, segue-se que, entre todas as devoções, aquela que mais consagra e conforma uma alma a Nosso Senhor é a devoção a Maria, sua santa Mãe, e que quanto mais uma alma estiver consagrada a Maria, mais estará consagrada a Jesus Cristo» (*Tratado da Verdadeira Devoção*, 120). Dirigindo-se a Jesus, São Luís Maria expressa o quão maravilhosa é a união entre o Filho e a Mãe: «Ela está tão transformada em ti pela graça, que já não vive, já não é: só tu, meu Jesus, vives e reinas nela... Ah! Se se conhecesse a glória e o amor que recebes nesta criatura admirável... Ela está tão intimamente unida a ti... Na verdade, ela ama-te mais ardentemente e glorifica-te mais perfeitamente do que todas as outras criaturas juntas» (*ibid.*, 63).

Maria, membro eminente do Corpo místico e Mãe da Igreja

5. Segundo as palavras do Concílio Vaticano II, Maria «é reconhecida como membro supremo e singular da Igreja, sua imagem e modelo excelente na fé e na caridade» (Const. *Lumen gentium*, 53). A Mãe do Redentor também é redimida por ele, de modo único na sua imaculada concepção, e precedeu-nos naquela escuta crente e amorosa da Palavra de Deus que torna bem-aventurados (cf. *ibid.*, 58). Também por isso, Maria «está intimamente unida à Igreja: a Mãe de Deus é a figura (*typus*) da Igreja, como já ensinava Santo Ambrósio, isto é, na ordem da fé, da caridade e da união perfeita com Cristo. De facto, no mistério da Igreja, da qual recebe a justo título o nome de Mãe e de Virgem, a Bem-Aventurada Virgem Maria ocupa o primeiro lugar, oferecendo, de maneira eminente e singular, o modelo da virgem e da mãe» (*ibid.*, 63). O próprio Concílio contempla Maria como *Mãe dos membros de Cristo* (cf. *ibid.*, 53; 62), e assim Paulo VI a proclamou *Mãe da Igreja*. A doutrina do Corpo místico, que expressa de forma mais forte a união de Cristo com a Igreja, é também o fundamento bíblico desta afirmação. «A cabeça e os membros nascem da mesma mãe» (*Tratado da verdadeira devoção*, 32), recorda-nos São Luís Maria. Nesse sentido, dizemos, que, pela ação do Espírito Santo, os membros estão unidos e conformados a Cristo Cabeça, Filho do Pai e de Maria, de tal modo que «todo o verdadeiro filho da Igreja deve ter Deus por Pai e Maria por Mãe» (*Segredo de Maria*, 11).

Em Cristo, Filho unigénito, somos realmente filhos do Pai e, ao mesmo tempo, filhos de Maria e da Igreja. No nascimento virginal de Jesus, de alguma forma, é toda a humanidade que renasce. À Mãe do Senhor «podem ser aplicadas, de forma mais verdadeira do que São Paulo as aplica a si mesmo, estas palavras: «Meus filhos, que eu novamente dou à luz em dores, até que Cristo seja formado em vós» (Gal 4,19). Eu dou à luz todos os dias os filhos de Deus, até que neles seja formado Jesus Cristo, meu Filho, na plenitude da sua idade» (*Tratado da verdadeira devoção*, 33). Esta doutrina encontra a sua mais bela expressão na oração: «Ó Espírito Santo, concedei-me uma grande devoção e uma grande inclinação para Maria, um sólido apoio no seu seio materno e um recurso assíduo à sua misericórdia, a fim de que nela formeis em mim Jesus Cristo» (*Segredo de Maria*, 67).

Uma das mais elevadas expressões da espiritualidade de São Luís Maria Grignon de Montfort refere-se à identificação do fiel com Maria no seu amor por Jesus, no seu serviço a Jesus. Meditando sobre o conhecido texto de Santo Ambrósio: *A alma de Maria esteja em cada um para glorificar o Senhor, o espírito de Maria esteja em cada um para exultar em Deus* (Expos. in Luc., 12,26: PL 15, 1561), ele escreve: «Quão feliz é uma alma quando... é totalmente possuída e guiada pelo espírito de Maria, que é um espírito doce e forte, zeloso e prudente, humilde e corajoso, puro e fecundo» (*Tratado da verdadeira devoção*, 258). A identificação mística com Maria é totalmente voltada para Jesus, como se expressa na oração: «Por fim, minha caríssima e amada Mãe, fazei, se possível, com que eu não tenha outro espírito senão o vosso para conhecer Jesus Cristo e os seus divinos desígnios; que não tenha outra alma senão a vossa para louvar e glorificar o Senhor; que não tenha outro coração senão o vosso para amar a Deus com caridade pura e ardente como vós» (*Segredo de Maria*, 68).

A santidade, perfeição da caridade

6. A Constituição *Lumen gentium* continua: «Enquanto a Igreja já alcançou na Virgem Santíssima a perfeição que a torna sem mancha e sem ruga (cf. Ef 5, 27), os fiéis ainda se esforçam por crescer em santidade, combatendo o pecado; e por isso elevam os olhos para Maria, que brilha como exemplo de virtude diante de toda a comunidade dos eleitos» (n. 65). A santidade é a perfeição da caridade, daquele amor a Deus e ao próximo que é o objeto do maior mandamento de Jesus (cf. Mt 22, 38), e é também o maior dom do Espírito Santo (cf. 1 Cor 13, 13). Assim, nos seus Cânticos, São Luís Maria apresenta sucessivamente aos fiéis a excelência da caridade (Cântico 5), a luz da fé (Cântico 6) e a firmeza da esperança (Cântico 7).

Na espiritualidade monfortina, o dinamismo da caridade é expresso especialmente através do símbolo da *escravidão do amor a Jesus*, seguindo o exemplo e com a ajuda materna de Maria. Trata-se da plena comunhão com a *kénosis* de Cristo; comunhão vivida com Maria, intimamente presente nos mistérios da vida do Filho. «Não há nada entre os cristãos que os faça pertencer de forma mais absoluta a Jesus Cristo e à sua Santa Mãe do que a escravidão da vontade, segundo o exemplo do próprio Jesus Cristo, que assumiu a condição de escravo por amor a nós – *formam servi accipiens* –, e da Santa Virgem, que se disse serva e escrava do Senhor. O apóstolo honra-se com o título de *servus Christi*. Várias vezes, na Sagrada Escritura, os cristãos são chamados *servos de Cristo*» (*Tratado da verdadeira devoção*, 72). De facto, o Filho de Deus, que veio ao mundo em obediência ao Pai na Encarnação (cf. *Heb* 10, 7), humilhou-se tornando-se obediente até à morte e à morte de cruz (cf. *Fl* 2, 7-8). Maria correspondeu à vontade de Deus com a doação total de si mesma, corpo e alma, para sempre, desde a Anunciação até à Cruz, e da Cruz até à Assunção. Certamente, entre a obediência de Cristo e a obediência de Maria há uma assimetria determinada pela *diferença ontológica* entre a Pessoa divina do Filho e a pessoa humana de Maria, da qual decorre também a exclusividade da eficácia salvífica fonte da obediência de Cristo, da qual a sua própria Mãe recebeu a graça de poder obedecer totalmente a Deus e assim colaborar com a missão do seu Filho.

A *escravidão do amor* deve, portanto, ser interpretada à luz da admirável troca entre Deus e a humanidade no mistério do Verbo encarnado. É uma verdadeira troca de amor entre Deus e a sua criatura na reciprocidade da doação total de si mesmo. «O espírito desta devoção... é tornar a alma interiormente dependente e escrava da Santíssima Virgem e de Jesus por meio dela» (*Segredo de Maria*, 44). Paradoxalmente, este «vínculo de caridade», esta «escravidão do amor», torna o homem plenamente livre, com a verdadeira liberdade dos filhos de Deus (cf. *Tratado da Verdadeira Devoção*, 169). Trata-se de se entregar totalmente a Jesus, respondendo ao Amor com que Ele nos amou primeiro. Quem vive nesse amor pode dizer, como São Paulo: «*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*» (*Gal* 2, 20).

A «peregrinação da fé»

7. Escrevi na *Novo millennio ineunte* que «só se chega verdadeiramente a Jesus pelo caminho da fé» (n. 19). Este foi precisamente o caminho seguido por Maria durante toda a sua vida terrena, e é o caminho da Igreja peregrina até ao fim dos tempos. O Concílio Vaticano II insistiu muito na fé de Maria, misteriosamente partilhada pela Igreja, destacando o itinerário da Virgem desde o momento da Anunciação até ao momento da Paixão redentora (cf. Const. *Lumen gentium*, 57 e 67; Lett. enc. *Redemptoris Mater*, 25-27).

Nos escritos de São Luís Maria encontramos a mesma ênfase na fé vivida pela Mãe de Jesus num caminho que vai da Encarnação à Cruz, uma fé na qual Maria é modelo e tipo da Igreja. São Luís Maria expressa isso com riqueza de nuances quando expõe ao seu leitor os «efeitos maravilhosos» da perfeita devoção mariana: «Quanto mais conquistares a benevolência desta augusta Princesa e Virgem fiel, tanto mais a vossa conduta de vida será inspirada pela fé pura. Uma fé pura, com a qual não vos preocupareis de modo algum com o que é sensível e extraordinário. Uma fé viva e animada pela caridade, que vos fará agir apenas tendo por motivo o puro amor. Uma fé firme e inabalável como uma rocha, que vos fará permanecer firme e constante no meio de furacões e tempestades. Uma fé operante e clarividente que, como uma chave misteriosa e polivalente, fará com que entreis em todos os mistérios de Jesus Cristo, nos fins últimos do homem e no próprio coração de Deus. Uma fé corajosa, que fará com que empreendeis e leveis a cabo sem hesitações grandes coisas por Deus e pela salvação das almas. Finalmente, uma fé que será a vossa tocha ardente, a vossa vida divina, o vosso tesouro escondido da divina Sabedoria e a vossa arma onipotente, com a qual iluminareis aqueles que estão nas trevas e na sombra da morte, inflamareis aqueles que são mornos e precisam do ouro ardente da caridade, dareis vida àqueles que morreram por causa do pecado, comovendo e abalando com as vossas

palavras suaves e fortes os corações de pedra e os cedros do Líbano e, finalmente, resistireis ao demónio e a todos os inimigos da salvação» (*Tratado da Verdadeira Devoção*, 214).

Tal como São João da Cruz, São Luís Maria insiste sobretudo na pureza da fé e na sua essencial e muitas vezes dolorosa obscuridade (cf. *Segredo de Maria*, 51-52). É a fé contemplativa que, renunciando às coisas sensíveis ou extraordinárias, penetra nas misteriosas profundezas de Cristo. Assim, na sua oração, São Luís Maria dirige-se à Mãe do Senhor dizendo: «Não te peço visões ou revelações, nem prazeres ou delícias, mesmo que apenas espirituais... Aqui na terra, não quero para mim senão aquilo que tu tiveste, a saber: acreditar com fé pura, sem nada saborear ou ver» (*ibid.*, 69). A Cruz é o momento culminante da fé de Maria, como escrevi na Encíclica *Redemptoris Mater*: «Por meio desta fé, Maria está perfeitamente unida a Cristo no seu despojamento... Esta é sem dúvida, a mais profunda *kénosis* da fé na história da humanidade» (n. 18).

Sinal de esperança segura

8. O Espírito Santo convida Maria a «reproduzir-se» nos seus eleitos, desenvolvendo neles as raízes da sua «fé invencível», mas também da sua «esperança firme» (cf. *Tratado da Verdadeira Devoção*, 34). O Concílio Vaticano II recordou: «A Mãe de Jesus, tal como no céu onde está já glorificada em corpo e alma, representa e inaugura a Igreja na sua plenitude da vida futura, assim também na terra brilha como um sinal de esperança segura e de consolação para o Povo de Deus em marcha, até que chegue o dia do Senhor» (Const. *Lumen gentium*, 68). Esta dimensão escatológica é contemplada por São Luís Maria especialmente quando fala dos «santos dos últimos tempos», formados pela Santíssima Virgem, para levar à Igreja a vitória Cristo sobre as forças do mal (cf. *Tratado da Verdadeira Devoção*, 49-59). Não se trata, de modo algum, de uma forma de «milénarismo», mas do sentido profundo do carácter escatológico da Igreja, ligado à singularidade e à universalidade salvífica de Jesus Cristo. A Igreja espera a vinda gloriosa de Jesus no fim dos tempos. Como Maria e com Maria, os santos estão na Igreja e para a Igreja, para fazer resplandecer a sua santidade, para estender até aos confins do mundo e até ao fim dos tempos a obra de Cristo, único Salvador.

Na antífona *Salve Regina*, a Igreja chama a Mãe de Deus de «Nossa Esperança». A mesma expressão é usada por São Luís Maria a partir de um texto de São João Damasceno, que aplica a Maria o símbolo bíblico da âncora (cf. *Hom. 1ª in Dorm. B. V. M.*, 14: PG 96, 719): «Nós unimos as nossas almas a ti, nossa esperança, como a uma âncora firme. A ela se ligaram mais fortemente os santos que se salvaram e a ela ligaram os outros, para que perseverassem na virtude. Bem-aventurados, portanto, e mil vezes bem-aventurados os cristãos que hoje se mantêm fiéis e totalmente ligados a ela como a uma âncora firme» (*Tratado da verdadeira devoção*, 175). Através da devoção a Maria, o próprio Jesus «abre o coração com uma santa confiança em Deus, fazendo-o olhar para Ele como Pai e inspirando um amor terno e filial» (*ibid.*, 169).

Juntamente com a Virgem Maria, e com o mesmo coração de mãe, a Igreja reza, espera e intercede pela salvação de todos os homens. São as últimas palavras da Constituição *Lumen gentium*: «Todos os fiéis dirijam preces insistentes à Mãe de Deus e Mãe dos homens, para que Ela, que com as suas preces ajudou os primeiros frutos da Igreja, agora também no céu, exaltada acima de todos os bem-aventurados e dos anjos, na comunhão de todos os santos, interceda junto do seu Filho, até que todas as famílias dos povos, tanto as que se honram com o nome de cristãos como as que ainda ignoram o seu Salvador, sejam felizmente reunidas na paz e na concórdia num único Povo de Deus, para glória da Santíssima e indivisível Trindade» (n. 69).

Fazendo novamente meu este desejo, que junto com os outros Padres Conciliares expressaram há quase quarenta anos, envio a toda a Família Monfortina uma especial Bênção Apostólica.

BENTO XVI: *Homilia para a beatificação de João Paulo II* (1 de maio de 2011)

(...) Queridos irmãos e irmãs, hoje brilha aos nossos olhos, na plena luz espiritual de Cristo ressuscitado, a figura amada e venerada de João Paulo II. Hoje, o seu nome junta-se à lista de santos e beatos que ele proclamou durante os quase 27 anos do seu pontificado, recordando com vigor a vocação universal à alta medida da vida cristã, à santidade, como afirma a Constituição conciliar *Lumen gentium* sobre a Igreja [cap. V]. Todos os membros do Povo de Deus – bispos, sacerdotes, diáconos, fiéis leigos, religiosos e religiosas – estamos a caminho da pátria celeste, onde nos precedeu a Virgem Maria, associada de modo singular e perfeito ao mistério de Cristo e da Igreja. Karol Wojtyła, primeiro como Bispo Auxiliar e depois como Arcebispo de Cracóvia, participou no Concílio Vaticano II e sabia bem que dedicar a Maria o último capítulo do Documento sobre a Igreja [cap. VIII] significava colocar a Mãe do Redentor como imagem e modelo de santidade para cada cristão e para toda a Igreja. Esta visão teológica é aquela que o Beato João Paulo II descobriu quando jovem e depois conservou e aprofundou ao longo de toda a sua vida. Uma visão que se resume na imagem bíblica de Cristo na cruz com Maria, sua mãe, ao seu lado. Uma imagem que se encontra no Evangelho de João (19,25-27) e que está resumida no brasão episcopal e depois papal de Karol Wojtyła: uma cruz de ouro, um «M» no canto inferior direito e o lema «*Totus tuus*», que corresponde à famosa expressão de São Luís Maria Grignion de Montfort, na qual Karol Wojtyła encontrou um princípio fundamental para a sua vida: «*Totus tuus ego sum et omnia mea tua sunt. Accipio Te in mea omnia. Praebe mihi cor tuum, Maria – Sou todo teu e tudo o que é meu é teu. Eu te recebo como meu bem. Dá-me o teu coração, ó Maria*» (*Tratado da Verdadeira Devoção à Santa Virgem*, n. 266) (...).

SANTO ANSELMO DE AOSTA

**ORATIO AD SANCTAM MARIAM
PRO IMPETRANDO EIUS ET CHRISTI AMORE**
Oração a Santa Maria para obter o seu amor e o de Cristo
(Oração VII, escrita em 1074)

[Introdução: A grandeza de Maria, no Mistério de Jesus, seu Filho. Contemplar para amar mais Jesus e Maria]

MARIA, tu illa magna MARIA, tu illa maior beatarum MARIARUM, tu illa maxima feminarum: te, domina magna et valde magna, te vult cor meum amare, te cupit os meum laudare, te desiderat venerari mens mea, te affectat exorare anima mea, quia tuitioni tuae se commendat tota substantia mea.

Enitimini, viscera animae meae, enitimini quantum potestis-si quid potestis—omnia interiora mea, ut eius merita laudetis, ut eius beatitudinem ametis, ut eius celsitudinem admiremini, ut eius benignitatem deprecemini, cuius patrocinio cotidie indigetis, indigendo desideratis, desiderando imploratis, implorando impetratis, et si non secundum desiderium vestrum, tamen supra vel certe contra meritum vestrum.

Regina angelorum, domina mundi, mater eius qui mundat mundum, confiteor quia cor meum nimis est immundum, ut merito erubescat in tam mundam intendere nec digne possit tam mundam intendendo contingere. Te igitur, mater illuminationis cordis mei, te nutrix salutis mentis meae, te obsecrant quantum possunt cuncta praecordia mea. Exaudi, domina, adesto propitia, adiuva potentissima, ut mudentur sordes mentis meae, ut illuminentur tenebrae meae, ut accendatur tepor meus, ut expurgescatur torpor meus, quatenus sicut tua beata sanctitas super omnia post summum omnium, filium tuum, per omnipotentem filium tuum, ob gloriosum filium tuum, a benedicto filio tuo est exaltata: sic super omnia post dominum et deum meum et omnium, filium tuum, te cor meum intelligat et veneretur, amet et deprecetur eo affectu, non quo desidero imperfectus, sed quo debet a filio tuo factus et salvatus, redemptus et resuscitatus.

MARIA, tu Maria a grande, tu a maior das santas Maria, tu a maior de todas as mulheres. Nossa Senhora, grande e de tão sublime grandeza, o meu coração quer amar-te e os meus lábios louvar-te, a minha mente quer venerar-te, a minha alma tem um vivo desejo de rezar-te, porque à tua proteção confio inteiramente a minha pessoa.

Esforçai-vos, entranhas da minha alma, esforçai-vos, tanto quanto puderdes - se ao menos algo vos for possível, profundidades do meu ser, e louvai as suas virtudes, amai a sua felicidade, admirai a sua sublime altura, suplicai bondade daquela cuja proteção todos os dias vos é necessária: porque é necessária, vós a desejais, porque é desejada a implorais, porque é implorada a obtendes e, se não exatamente segundo o vosso desejo, ainda assim além e certamente muito acima dos vossos méritos.

Rainha dos anjos, soberana do mundo, mãe d'Aquele que purifica o mundo, confesso que o meu coração é demasiado impuro e só pode corar ao dirigir-se a uma criatura tão pura; tão pura, que o meu coração é verdadeiramente indigno de se aproximar de ti. Tu, a Mãe daquele que ilumina o meu coração, tu a nutridora daquele que salva o meu espírito, tudo o que sou te implora tanto quanto pode. Ó Nossa Senhora, atende-me, sede-me propícia; vem em meu auxílio com o teu imenso poder: faz com que as manchas do meu espírito sejam lavadas, as minhas trevas sejam iluminadas, a minha tibieza abrasada, o meu torpor sacudido. E tal como a tua santidade bem-aventurada, pela graça do teu bendito Filho, foi elevada acima de todas as coisas, depois de Ele, que é superior a tudo, pelo teu Filho todo-poderoso, pelo teu Filho glorioso; assim como acima de tudo, depois do Senhor meu Deus e Mestre de tudo, teu Filho, o meu coração te conhece, te venera, ama e te suplica, não com os meus desejos imperfeitos, mas com o amor que vos dá aquele que, pelo teu Filho, foi feito e salvo, resgatado e ressuscitado

[PRIMEIRA PARTE: CONHECIMENTO DA ENCARNAÇÃO DO FILHO E DA MATERNIDADE DIVINA DE MARIA]

[A/ em relação ao homem salvo por Cristo]

Genitrix vitae animae meae, alitrix reparatoris carnis meae, lactatrix salvatoris totius substantiae meae! Sed quid dicam? Lingua mihi deficit, quia mens non sufficit. Domina, domina, omnia intima mea sollicita sunt, ut tantorum beneficiorum tibi gratias exsolvant, sed nec cogitare possunt dignas, et pudet proferre non dignas. Quid enim digne dicam matri creatoris et salvatoris mei, per cuius sanctitatem peccata mea purgantur, per cuius integritatem mihi incorruptibilitas donatur, per cuius virginitatem anima mea adamatur a domino suo et desponsatur deo suo? Quid, inquam, digne referam genitrici dei et domini mei, per cuius foecunditatem captivus sum redemptus, per cuius partum de morte aeterna sum exemptus, per cuius prolem perditus sum restitutus et de exilio miseriae in patriam beatitudinis reductus?

«Benedicta» «in mulieribus», haec omnia mihi dedit «benedictus fructus ventris tui» in regeneratione baptismatis sui, alia in spe, alia in re; quamquam haec omnia ego ipse mihi sic peccando abstulerim, ut nec rem habeam et spem vix teneam. Quid enim? Si mea culpa evanuerunt, numquid ingratus ero illi, per quam mihi tanta bona gratis evenerunt? Absit, ne addam hanc iniquitatem super iniquitatem. Immo gratias ago quia habui, doleo quia non habeo, oro ut habeam. Certus enim sum quia sicut per filii gratiam ea potui accipere: sic eadem per matris merita possum recipere. Ergo domina, porta vitae, ianua salutis, via reconciliationis, aditus recuperationis, obsecro te per salvatricem tuam foecunditatem, fac ut et peccatorum meorum mihi venia et bene vivendi gratia concedatur, et usque in finem hic servus tuus sub tua protectione custodiat.

Mãe da vida da minha alma, nutriste o renovador da minha carne, amamentaste o Salvador de todo o meu ser! O que mais posso dizer? Faltam-me palavras, porque a mente não basta para compreender. Nossa Senhora, ó Nossa Senhora, todo o meu íntimo queria dar-te graças por tantos benefícios. Não concebendo pensar num agradecimento digno, tenho vergonha de proferir algum indigno: com efeito, que posso eu dizer à Mãe do meu Criador e Salvador uma vez que pela sua santidade os meus pecados são purificados; pela sua integridade me é dada a incorruptibilidade, pela sua virgindade a minha alma é amada pelo seu Senhor e desposada com o seu Deus? Que posso eu dizer dignamente à Mãe do meu Deus e Senhor quando pela sua fecundidade; de cativo me tornei resgatado; pela sua fecundidade, de cativo me tornei resgatado; pela sua maternidade, fui libertado da morte eterna; pelo seu Filho fui salvo, eu, que estava perdido; e retirado do exílio da miséria para a pátria da bem-aventurança.

«Bendita entre as mulheres», tudo isto foi «o fruto bendito do teu seio», que mo deu, no novo nascimento do batismo; e, no entanto, eu privei-me a mim próprio de tudo isto, pelo meu pecado, a ponto de perder a realidade e quase a esperança. Mas que digo? Se foi pelas minhas faltas que esses dons desapareceram, serei eu por esse motivo ingrato para com Aquele (Aquele) de quem tantas graças me foram concedidas gratuitamente? Não agrada a Deus que acrescente esta iniquidade a todas as outras! Bem pelo contrário, dou graças por ter tido esses bens, lamento por já não os ter, rezo para os ter de novo. Pois tenho a certeza que da mesma maneira que pela graça do Filho os pude receber, também pelos méritos da Mãe, os poderei recuperar. Suplico-te, pois, Senhora, porta da Vida, porta da salvação, via da reconciliação, caminho de renovação, suplico-te pela tua fecundidade salvadora: faz com que me sejam concedidos o perdão dos meus pecados e a graça de viver bem, e que, até ao fim, o teu servo seja guardado sob a tua proteção.

[B/ *Em relação com toda a criação restaurada no Cristo “Maior”*]

Aula universalis propitiationis, causa generalis reconciliationis, vas et templum vitae et salutis universorum, nimium contraho merita tua, cum in me homunculo vili singulariter recenseo beneficia tua, quae mundus amans gaudet, gaudens clamat esse sua. Tu namque, domina admirabilis singulari virginitate, amabilis salutari foecunditate, venerabilis inaestimabili sanctitate, tu ostendisti mundo dominum suum et deum suum quem nesciebat, tu visibilem exhibuisti mundo creatorem suum quem prius non videbat, tu genuisti mundo restauratorem quo perditus indigebat, tu peperisti mundo reconciliatorem quem reus non habebat. Per foecunditatem tuam,

Santuário da propiciação universal, causa da reconciliação universal, recetáculo e templo da vida e da salvação de todos, eu restrinjo demasiado os teus méritos quando considero os teus benefícios somente em relação a mim, homem pequeno e vil: o mundo goza-os e ama-os, goza-os e proclama-os seus: de facto Tu, Nossa Senhora, admirável por uma virgindade singular, amável por uma fecundidade salutar, venerável por uma santidade inestimável, mostraste ao mundo o seu Criador, que antes ele não via. Para o mundo perdido gerastes o Restaurador do qual ele tinha necessidade. Para o mundo culpável tu deste à luz e criaste o Reconciliador que lhe faltava. Pela tua fecundidade, Nossa Senhora, o mundo pecador, foi

domina, mundus peccator est iustificatus, damnatus salvatus, exul reductus. Partus tuus, domina, mundum captivum redemit, aegrum sanavit, mortuum resuscitavit. Insidiis et oppressionibus daemonum tenebris obvolutus mundus subiacebat, sed sole de te orto illuminatus eorum et laqueos devitat et vires conculcat.

Caelum, sidera, terra, flumina, dies, nox et quaecumque humanae potestati vel utilitati sunt obnoxia: in amissum decus sese gratulantur, domina, per te quodam modo resuscitata, et nova quadam ineffabili gratia donata. Quasi enim omnia mortua erant: cum amissa congenita dignitate favendi dominatui vel usibus deum laudantium, ad quod facta erant, obruebantur oppressione et decolorabantur ab usu idolis servientium, propter quos facta non erant. Quasi vero eadem resuscitata laetantur: cum iam deum confitentium et dominatu reguntur et usu decorantur. Nova autem et inaestimabili gratia quasi exultaverunt: cum ipsum deum, ipsum creatorem suum non solum invisibiliter supra se illa regentem senserunt, sed etiam visibiliter intra se eisdem utendo sanctificantem viderunt. Haec tanta bona per benedictum fructum benedicti ventris benedictae MARIAE mundo provenerunt.

Sed cur solum loquor, domina, beneficiis tuis plenum esse mundum? Inferna penetrant, caelos superant. Per plenitudinem enim gratiae tuae et quae in inferno erant se laetantur liberata, et quae supra mundum sunt se gaudent restaurata. Per eundem quippe gloriosum filium gloriosae virginitatis tuae, omnes iusti qui obierunt ante vitalem eius mortem exultant diruptione captivitatis suae, et angeli gratulantur restitutione semirutae civitatis suae.

O femina mirabiliter singularis et singulariter mirabilis, per quam elementa renovantur, inferna remediuntur, daemones conculcantur, homines salvantur, angeli redintegrantur! O femina plena et superplena gratia, de cuius plenitudinis exundantia respersa sic revirescit omnis creatura! O virgo benedicta et superbenedicta, per cuius benedictionem benedicuntur omnis natura, non solum creata a creatore, sed et creator a creatura! O nimis exaltata, quam sequi conatur affectus animae meae, quo aufugis aciem mentis meae? O pulchra ad intuendum, amabilis ad contemplandum, delectabilis ad amandum, quo evadis capacitatem cordis mei? Praestolare, domina, infirmam animam te sequentem. Ne abscondas te, domina, parum videnti animae te quaerenti. Miserare, domina, animam post te anhelando languentem.

justificado; condenado, foi salvo; exilado, foi reconduzido à pátria. O teu parto e aleitamento, Senhora, redimiu o mundo cativo, curou-o quando estava doente, ressuscitou-o quando ele estava morto. Envolto nas trevas, o mundo permanecia nas trevas e entre os enganos e a opressão dos demónios: agora, iluminado pelo Sol que se elevou a partir de ti, ele escapa às suas armadilhas e esmaga aos pés o seu poder.

O céu, os astros, a terra, os rios, o dia, a noite, e tudo o que obedece ou serve ao homem, regozijam-se, ó Nossa Senhora, por estarem de qualquer forma, ressuscitados, por ti, por terem recuperado a beleza perdida, e mesmo por estarem agora dotados de uma graça nova e inefável. Todos, com efeito, estavam como mortos, uma vez que, tendo perdido a sua dignidade natural de se prestarem ao domínio e ao uso daqueles que louvam a Deus (que para isso foram feitas). Eles estavam oprimidos e degradados por um culto idólatrico (que para isso não tinham sido feitas). Estando todos como ressuscitados, esses mesmos agora rejubilam, porque estão submetidos ao poder e embelezados pelo serviço dos adoradores de Deus. E ainda, por uma graça nova e inefável, eles como que exultaram, uma vez que o próprio Deus, seu Criador, que eles não apenas perceberam, como também estando abaixo deles e governando-os invisivelmente, mas também viram que está no meio deles, santificando-os visivelmente servindo-os.

Bens tão grandes vieram ao mundo graças ao fruto bendito do seio bendito de Maria, também ela bendita.

Mas porque me hei de contentar em dizer, ó Nossa Senhora, que o mundo está cheio dos teus benefícios? Eles chegam a penetrar os infernos e a ultrapassar os céus. Pela plenitude da tua graça, os seres que estavam nos infernos alegram-se por serem libertados e os que estão acima do mundo alegram-se por serem restaurados. Pois é pelo mesmo Filho glorioso da tua gloriosa virgindade, todos os justos que faleceram antes da sua morte vivificante exultam, por ver o fim do seu cativeiro; e os anjos estão em festa, porque veem a sua cidade semidestruída restaurada.

Mulher admiravelmente singular e singularmente admirável, por quem os elementos são renovados, os infernos são aliviados, os demónios são espezinhados, os homens são salvos, os anjos completados. Ó Mulher cheia e mais que cheia de graça, da tua plenitude superabundantemente irradiada, toda a criação é renovada. Ó Virgem bendita e mais que bendita, pela tua bênção toda a natureza é abençoada: não só a natureza criada pelo Criador, mas também o Criador pela criatura! A ti, supremamente elevada, tu que o amor da minha alma se esforça por seguir, para onde foges do olhar agudo do meu espírito? Ó bela à vista, amável de contemplar,

deleitável de amar, até conseguires ultrapassar a capacidade do meu coração? Espera por mim, Senhora, esta alma fraca que te persegue. Não te escondas, Nossa Senhora, à alma que pouco vê e que te procura. Tem piedade, Nossa Senhora, desta alma cansada que suspira por ti.

[C/ *Em relação ao próprio Deus “Maxima”*]

Mira res, in quam sublimi contemplor MARIAM locatam! Nihil aequale MARIAE, nihil nisi deus maius MARIA. Deus filium suum, quem solum de corde suo aequalem sibi genitum tamquam se ipsum diligebat, ipsum dedit MARIAE, et ex MARIA fecit sibi filium, non alium, sed eundem ipsum, ut naturaliter esset unus idemque communis filius dei et MARIAE. Omnis natura a deo est creata, et deus ex MARIA est natus. Deus omnia creavit, et MARIA deum generavit. Deus qui omnia fecit: ipse se ex MARIA fecit, et sic omnia quae fecerat refecit. Qui potuit omnia de nihilo facere: noluit ea violata, nisi prius fieret MARIAE filius, reficere. Deus igitur est pater rerum creatarum, et MARIA mater rerum recreatarum. Deus est pater constitutionis omnium, et MARIA est mater restitutionis omnium. Deus enim genuit illum per quem omnia sunt facta, et MARIA peperit illum per quem cuncta sunt salvata. Deus genuit illum sine quo penitus nihil est, et MARIA peperit illum sine quo nihil omnino bene est. O vere »dominus tecum«, cui dedit dominus, ut omnis natura tantum tibi deberet secum.

Ó maravilha, eu contemplo Maria colocada em que sublime lugar! Nada é como Maria, nada, exceto Deus, é maior do que ela. A Maria, Deus deu o seu próprio Filho, esse Filho igual a Ele mesmo, o único gerado do seu coração, que amava como a si mesmo, e de Maria, Ele Se fez Filho, não outro, mas aquele mesmo que, por natureza, era um único e mesmo Filho de Deus e de Maria. Toda a natureza foi criada por Deus e Deus nasceu de Maria. Deus tudo criou e Maria gerou Deus. O Deus que tudo criou, criou a si mesmo a partir de Maria, e assim Ele refez tudo o que havia feito. Aquele que pôde fazer tudo a partir do nada não quis refazer a sua criação profanada, senão tornando-se primeiro filho de Maria. Deus, portanto, é o Pai das coisas criadas e Maria a mãe das coisas recriadas. Deus é o pai da constituição de todas as coisas e Maria é a mãe da renovação de todas as coisas: Deus, com efeito, gerou, Aquele por meio do qual tudo foi feito, e Maria deu à luz Aquele por meio do qual tudo foi salvo. Deus gerou Aquele sem o qual absolutamente nada pode existir, e Maria deu à luz Aquele sem o qual absolutamente nada de bom pode existir. Sim, verdadeiramente «o Senhor está contigo», pois o Senhor concedeu-te que toda a natureza te seja tão devedora; a ti com Ele.

[SEGUNDA PARTE: O AMOR DE JESUS E DE MARIA]

MARIA, obsecro te per gratiam qua sic dominus esse tecum et te voluit esse secum: fac propter ipsam, secundum eandem ipsam gratiam, misericordiam tuam mecum. Fac ut amor tui semper sit mecum, et cura mei semper sit tecum. Fac ut clamor necessitatis meae - quamdiu ipsa persistit - sit tecum, et respectus pietatis tuae - quamdiu ego subsisto - sit mecum. Fac ut congratulatio beatitudinis tuae semper sit mecum, et compassio miseriae meae - quantum mihi expedit - sit tecum.

Sicut enim, o beatissima, omnis a te aversus et a te despectus necesse est ut intreat: ita omnis ad te conversus et a te respectus impossibile est ut pereat. Sicut enim, domina, deus genuit illum in quo omnia vivunt: sic o tu flos virginitatis, genuisti eum per quem mortua revivunt. Et sicut deus per filium suum beatos angelos a peccato servavit: ita, o tu decus puritatis, per filium tuum

Maria, eu te suplico, por essa graça pela qual o Senhor quis ser contigo, como tu com Ele; em razão dessa graça e por ela, concede-me que a tua misericórdia esteja comigo. Concede-me que o teu amor esteja sempre comigo, e que o cuidado de mim esteja sempre contigo. Faz que chegue até ti - enquanto ela existir - o clamor da minha pobreza, e chegue até mim - enquanto eu existir - o olhar da tua bondade. Faz com que a alegria da tua bem-aventurança esteja sempre comigo, e que a compaixão pela minha miséria esteja contigo, enquanto eu tiver disso necessidade,

Ó bem Aventurada, assim como é óbvio que pereça aquele que vive de costas voltadas para ti, assim também é impossível que se perca aquele que se volta para ti e te olha. Ó Nossa Senhora, da mesma maneira que Deus gerou Aquele em quem tudo tem vida, da mesma maneira, ó flor de virgindade, geraste Aquele pelo qual quem estiver morto revive. Do

miseros homines ex peccato salvavit. Quemadmodum enim dei filius est beatitudo iustorum: sic, o tu salus foecunditatis, filius tuus est reconciliatio peccatorum. Non est enim reconciliatio nisi quam tu casta concepisti, non est iustificatio nisi quam tu integra in utero fovisti, non est salus nisi quam tu virgo peperisti. Ergo o domina, mater es iustificationis et iustificatorum, genitrix es reconciliationis et reconciliatorum, parens es salutis et salvatorum.

O beata fiducia, o tutum refugium! Mater dei est mater nostra. Mater eius, in quo solo speramus et quem solum timemus, est mater nostra. Mater, inquam, eius qui solus salvat, solus damnat, est mater nostra.

Sed o benedicta et exaltata non tibi soli sed et nobis, quid est, quam magnum, quam amabile est quod video per te evenire nobis, quod videns gaudeo, quod gaudens dicere non audeo? Si enim tu, domina, es mater eius, nonne et alii filii tui sunt fratres eius? Sed qui fratres, et cuius eius? Loquar unde iucundatur cor meum, an silebo ne elatione arguatur os meum? Sed quod credo amando, cur non confiteor laudando? Dicam igitur, non superbiendo sed gratias agendo.

Qui enim fecit ut ipse per maternam generationem esset naturae nostrae, et nos per vitae restitutionem essemus filii matris eius: ipse nos invitat ut confiteamur nos fratres eius. Ergo iudex noster est frater noster. Salvator mundi est frater noster. Denique deus noster est factus per MARIAM frater noster. Qua igitur certitudine debemus sperare, qua consolatione possumus timere, quorum sive salus sive damnatio de boni fratris et de pia matris pendet arbitrio? Quo etiam affectu hunc fratrem et hanc matrem amare debemus? Qua familiaritate nos illis commitemus? Qua securitate ad illos confugiemus? Qua dulcedine fugientes suscipiemur? Bonus igitur frater nobis dimittat quod deliquimus, ipse avertat quod delinquentes meruimus, ipse donet quod paenitentes petimus. Bona mater oret et exoret pro nobis, ipsa postulet et impetret quod expedit nobis. Ipsa roget filium pro filiis, unigenitum pro adoptatis, dominum pro servis. Bonus filius audiat matrem pro fratribus, unigenitus pro iis quos adoptavit, dominus pro iis quos liberavit.

MARIA, quantum tibi debemus! Domina mater, per quam talem fratrem habemus, quid gratiarum, quid laudis tibi retribuamus?

Magne domine, tu noster maior frater, magna domina, tu nostra melior mater, docete cor meum qua reverentia vos debeat cogitare. Bone tu et bona tu, dulcis tu et dulcis tu, dicite et date

mesmo modo que Deus, pelo seu Filho, preservou do pecado os anjos bem-aventurados, da mesma maneira, ó esplendor de pureza, pelo teu Filho Ele salvou do pecado os homens infelizes. Tal como o Filho de Deus é a bem-aventurança dos justos, da mesma forma, ó salvação pela fecundidade, o teu Filho é a reconciliação dos pecadores. Na verdade, não há outra reconciliação senão aquela que tu, concebeste na castidade; não há outra justificação senão aquela que tu, formaste no teu seio, permanecendo na integridade; não há outra salvação senão aquela que tu, virgem, criaste para nós. Portanto tu, Nossa Senhora, és a Mãe da justificação e dos justificados, Mãe da salvação e dos salvos. Ó bem-aventurada certeza, ó refúgio seguro! A Mãe de Deus é nossa Mãe; a Mãe do Único em quem esperamos e tememos é nossa Mãe. A Mãe do Único que salva ou condena é nossa Mãe.

Abençoada e gloriosa és, não apenas para ti, mas também por nós. Mas que vejo eu de tão grande e de tão amável, que chega até nós por teu intermédio, ao ponto de que vendo-o me alegre, mas que na minha alegria não ousou expressar? Se, de facto, tu, Senhora, és nossa mãe, não são irmãos os teus outros filhos? Que irmãos, porém! E de Quem! Devo falar, do que traz alegria ao meu coração, ou dever-me-ei calar para não ser acusado de orgulhoso pelas palavras da minha boca? No entanto, o que acredito com amor, porque não confessá-lo pelo louvor? Sim, devo falar, não com orgulho, mas com ação de graças.

Aquele que fez tudo para ser da nossa natureza, pela sua geração materna e fez de nós filhos da sua própria mãe, pelo nosso regresso à vida, Ele mesmo nos convida a confessar que somos seus irmãos. O nosso Juiz é, portanto, nosso irmão, o Salvador do mundo é nosso irmão. Dizendo tudo em poucas palavras, o nosso Deus tornou-se, por Maria, nosso Irmão. Com que certeza devemos então esperar! Com que consolação podemos temer, se a nossa salvação ou condenação está nas mãos de um bom Irmão e de uma terna mãe. Com que amor devemos amar este Irmão e esta Mãe? Aí refugiados com que familiaridade nos confiaremos a Eles com que confiança nós nos refugiaremos junto d'Eles? E aí refugiamos, com que doçura seremos acolhidos? Que o nosso bom irmão nos perdoe os nossos erros, afaste de nós os castigos que merecemos, nos conceda o que arrependidos Lhe pedimos. Reze e suplique por nós a boa Mãe, que ela peça e obtenha o que nos convém. Que ela reze ao seu Filho pelos seus filhos, ao seu Filho único pelos seus filhos adotivos, ao Senhor pelos servidores. E que o bom Filho atenda a sua mãe em favor dos seus irmãos, o Unigénito pelos que adotou, o Senhor pelos que libertou.

animae meae, quo affectu vos memorando de vobis delectetur, delectando iucundetur, iucundando impinguetur. Impinguate et succendite eam vestra dilectione. Vestro continuo amore langueat cor meum, liquefiat anima mea, deficiat caro mea. Utinam sic viscera animae meae dulci fervore vestrae dilectionis exardescant, ut viscera carnis meae exarescant! Utinam sic intima spiritus mei dulcedine vestri affectus impinguentur, ut medullae corporis mei exsiccentur!

Domine, fili dominae meae, domina, mater domini mei, si ego non sum dignus qui sic debeam vestro amore beatificari, certe vos non estis indigni qui sic, immo plus debeatis amari. Ergo benignissimi, ne sic denegetis mihi petenti id quo me confiteor indignum, ut auferatur vobis id quo certe vos negare non potestis dignos. Date itaque, piissimi, date obsecro supplicanti animae meae, non propter meritum meum sed propter meritum vestrum, date illi quanto digni estis amorem vestrum. Date, inquam, mihi quo sum indignus, ut reddatur vobis quo estis digni. Si enim non vultis dare ut habeam quod desidero: saltem nolite negare ut reddam vobis quod debeo.

Forsan praesumendo loquar, sed utique bonitas vestra facit me audacem. Loquar ergo adhuc ad dominum meum et dominam meam, «cum sim pulvis et cinis». Domine et domina, nonne multo melius est, cum vos gratis donatis petenti quod ipse non meretur, quam cum vobis subtrahitur quod vobis iuste debetur? Illud quippe est praedicandae misericordiae, istud est nefandae iniustitiae. Impendite igitur, piissimi, gratiam, ut recipiatis debitum. Facite vos mihi misericordiam vestram quae mihi expedit et vos decet: ne faciam ego vobis iniustitiam meam quae nulli expedit et nullum decet. Estote vos mihi misericordes, quod obsecro: ne sim ego vobis iniustus, quod execror. Date, benigne et benigna, nec sitis exoratu difficiles; date animae meae amorem vestri, quem ipsa non iniuste petit et vos iuste exigitis: ne ipsa bonis vestris sit ingrata, quod ipsa iuste horret et vos non iniuste punitis.

Certe, IESU fili dei et tu MARIA mater eius, et vos vultis et aequum est, ut quidquid vos diligitis diligatur a nobis. Ergo bone fili, rogo te per dilectionem qua diligis matrem tuam, ut sicut tu vere diligis et diligis vis eam: ita mihi des ut vere diligam eum. Bona mater, rogo te per dilectionem qua diligis filium tuum, ut sicut tu vere diligis et diligis vis eum: ita mihi impetres ut vere diligam eum. Ecce enim peto, quod ut fiat vere est in vestra voluntate; cur ergo propter peccata mea non fiet, cum sit et in vestra potestate? Amator et miserator hominum, tu potuisti reos tuos et usque ad mortem amare, et poteris te roganti amorem tui et matris

Ó Maria, quanto te devemos! Mãe e Senhora por quem temos um tal Irmão, o que faremos para te agradecer, que louvores te daremos para te retribuir?

Senhor, Tu que és grande, nosso Irmão mais velho: Senhora, tu que és grande, a nossa melhor mãe, ensinaí ao meu coração com que respeito devemos pensar em vós. Tu que és bom, e tu que és boa, Tu que és doce e tu que és doce, dizei e dai à minha alma o amor que despertará a vossa alegre lembrança e que alegrando-a a saciará. Saciai-a e abraçai-a com o vosso amor. Que, sem cessar, o meu coração transborde de amor por vós, que a minha alma se funda e que a minha carne desfaleça. Que as entranhas da minha alma se inflamem do doce ardor do vosso amor; que as entranhas da minha carne sequem por vosso amor! Que as profundezas do meu espírito sejam saciadas da doçura do vosso amor até que fiquem secas as vísceras do meu corpo.

Senhor, filho da minha Soberana, Mãe do meu Senhor, se não sou digno de ser beneficiado por tanto amor vosso, nós certamente não somos indignos de ser tão amados e até de o ser ainda mais! Portanto, pela vossa grande benevolência, não me negueis então aquilo que peço, mesmo que confesse ser indigno, para que não nos seja tirado o que, certamente, não podeis negar que nos é devido. Dêem-me, na vossa grande bondade, dêem-me, eu imploro, não por meu mérito, mas pelo vosso, dêem-me um amor que seja digno de vós. Dêem-me o que não mereço, para que o recebam todos os que certamente não o merecem. E se não quiserdes conceder-mo para saciar o meu desejo, ao menos não mo recuseis, para permitir pagar a minha dívida.

Seguramente, ó Jesus, ó Filho de Deus, e Tu Maria, sua Mãe, tal é a vossa vontade, tal é também a justiça: tudo o que vós amais, nós também amamos. Portanto, ó bom Filho, eu te peço que o amor que tens à tua Mãe e como tu a amas verdadeiramente e como tu queres que ela seja amada, dai-me o amá-la verdadeiramente. Ó boa Mãe, eu te peço, pelo amor que tens ao teu Filho: como tu o amas verdadeiramente e como tu queres que ele seja amado, alcança-me o poder amá-lo verdadeiramente. O que eu assim peço é da vossa vontade que se possa realizar, e está também em vosso poder: porque o impediriam os meus pecados?

Tu que amas os homens e tens piedade deles, tu que pudeste amar os culpados até à própria morte, poderás recusar o amor a ti e à tua Mãe, a este que to pede? E tu, Mãe daquele que nos ama, tu que mereceste trazê-lo no teu seio, e alimentá-lo do teu leite, não poderás ou não quererás obtê-lo para aquele que to pede: o amor a ele e a ti?

Sim, que o meu espírito vos venere como sois digna, que o meu coração vos ame como é de justiça, que a

tuae negare? Mater huius amatoris nostri, quae illum in ventre portare et in sinu meruisti lactare, an tu non poteris aut non voles poscenti amorem eius et tuum impetrare?

Veneretur igitur vos sicut digni estis mens mea, amet vos sicut aequum est cor meum, diligat vos sicut sibi expedit anima mea, serviat vobis sicut debet caro mea, et in hoc consummetur vita mea, ut in aeternum psallat tota substantia mea: «Benedictus dominus in aeternum, fiat, fiat».

minha alma vos ame que Lhe convém, que a minha carne vos sirva como é seu dever; e que assim a minha vida se consuma, para que todo o meu ser cante eternamente: «Bendito seja o Senhor para sempre. Amém! Amém!».

(Texto latino da edição crítica de F. S. Schmitt)

Anexo 3

**Súplica ao Santo Padre Leão XIV
para declarar santos João Eudes e Luís Maria de Montfort
Doutores da Igreja**

Santíssimo Padre,

Há dois dias, a 31 de julho, na graça do Jubileu, Vossa Santidade expressou a sua intenção de conferir a São João Henrique Newman o título de Doutor da Igreja. Foi uma grande alegria para todos nós e agradecemos-lhe de todo o coração.

Sem esperar, escrevo-lhe neste sábado, 2 de agosto, primeiro sábado do mês, dia dedicado ao Imaculado Coração de Maria, do qual São João Eudes foi o grande apóstolo e teólogo, para expressar o meu mais profundo desejo de que conceda o mesmo título a João Eudes (1601-1680) e a São Luís Maria Grignon de Montfort (1673-1716). São os dois principais expoentes da grande espiritualidade cristocêntrica e mariana da «Escola Francesa», fundada pelo cardeal Pierre de Bérulle no início do século XVII.

Pessoalmente, há muitos anos que trabalho para estes dois doutorados, a pedido dos Dicastérios para as Causas dos Santos e da Doutrina da Fé, juntamente com os Padres Monfortinos e Eudistas. Sou carmelita descalço, professor emérito de teologia dogmática e espiritual na Pontifícia Faculdade Teresianum. Membro da Pontifícia Academia de Teologia, sou também consultor teólogo do Dicastério para as Causas dos Santos, nomeado por São João Paulo II em 2004 e depois renovado nesta missão por Bento XVI e, mais recentemente, pelo Papa Francisco até 2030.

Vivi 41 anos em Roma e agora sou membro da comunidade dos carmelitas de Lisieux, trabalhando para a difusão da doutrina da pequena Teresa, tão amada pelo Papa Francisco, como se vê na sua Exortação Apostólica *C'est la confiance* e na sua última Encíclica *Dilexit nos*.

Em 1997, colaborei na *Positio* do Doutoramento de Teresa, posteriormente proclamado por São João Paulo II. O caminho para o doutorado de Montfort abrandou em 2001 (por razões metodológicas), mas a porta permaneceu aberta, como mostra a importante Carta de João Paulo II aos Religiosos e Religiosas das Famílias Monfortinas, de 8 de dezembro de 2003, destacando a perfeita sintonia entre o ensinamento do Concílio Vaticano II e a doutrina de Montfort. Mais tarde, Bento XVI recordou sucintamente a influência essencial de Montfort sobre João Paulo II na homilia por ocasião da sua beatificação (1 de maio de 2011).

Também colaborei no doutorado de São Gregório de Narek, proclamado pelo Papa Francisco em 2015. A minha presente súplica baseia-se, portanto, numa longa experiência com doutorados recentes.

Existe uma profunda semelhança e convergência doutrinária entre João Eudes e Luís Maria de Montfort no mesmo contexto histórico da França do século XVII e início do século XVIII. São dois padres missionários e fundadores, que receberam uma excelente formação teológica em Paris, Eudes no Oratório sob a orientação de Bérulle, e Montfort mais tarde na Sorbonne e no Seminário de Saint Sulpice. Em constante referência à Sagrada Escritura e à grande tradição da Igreja, representada pelo Magistério e pelos Santos, ensinam a todo o Povo de Deus, e especialmente aos pequenos e pobres, um caminho de santidade fundado nos Sacramentos (especialmente o Batismo e a Eucaristia), numa perspectiva radicalmente cristocêntrica, com a presença constante de Maria.

Santíssimo Padre, Vossa Santidade recordou na sua primeira mensagem aos bispos franceses, em 28 de maio passado, como João Eudes «foi o primeiro a celebrar o culto litúrgico dos Corações de Jesus e Maria». Por esta razão, o Papa Francisco o mencionou na sua Encíclica *Dilexit nos* (n. 113). A sua teologia simbólica do coração é muito rica, incluindo todas as dimensões da Divindade e da Humanidade: «Coração corporal, coração espiritual e coração divino» expressam um «triplo amor» (n. 64-69). Esta grande teologia do Coração é amplamente desenvolvida na última obra de Eudes, a sua obra-prima intitulada: *Le Coeur Admirable de la*

Sacrée Mère de Dieu, concluída nos últimos dias da sua vida e publicada após a sua morte, em 1681. É uma obra muito longa (quase 1500 páginas nas *Oeuvres Complètes*), um pouco como uma imensa e esplêndida floresta!

Em vez disso, a obra-prima de Montfort, o *Traité de la vraie dévotion à la Sainte Vierge*, também escrita no final da sua vida, é uma obra curta (apenas 200 páginas), imediatamente publicada e traduzida para várias línguas após a sua descoberta em 1842. É um texto muito claro, articulado de forma um pouco geométrica, como um «jardim à francesa» da época! Este tratado foi resumido de forma ainda mais sucinta na brochura intitulada *Le Secret de Marie*. O tratado de Montfort tornou-se imediatamente um clássico da vida espiritual, com uma enorme influência na vida do Povo de Deus, e especialmente nos Santos.

Nestas duas obras de Montfort e Eudes, encontramos a mesma síntese de todo o Mistério cristão, contemplando *Jesus em Maria* e *Maria em Jesus*, ou seja, *Maria no Mistério de Cristo e da Igreja* (cf. *Lumen Gentium*, cap. VIII). Jesus está sempre no centro, como verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, juntamente com o Pai e o Espírito Santo. É o Absoluto ao qual Maria e a Igreja estão totalmente relacionadas.

Entre as outras obras destes dois santos, é preciso recordar especialmente as primeiras, que são *La vie et le royaume de Jésus dans les âmes chrétiennes*, de João Eudes, e *L'Amour de la Sagesse Eternelle*, de Montfort, onde se contemplam sucessivamente *Jesus e Maria*, obras ricas em conteúdos espirituais, mas ainda não plenamente sintetizados. Em vez disso, nas últimas obras acima indicadas, contempla-se *Jesus em Maria*.

É certo que, na sua doutrina, existem alguns limites ou pontos a corrigir, como nos maiores Doutores da Igreja. Pensemos, por exemplo, em São Tomás de Aquino a respeito da Imaculada Conceição de Maria, que ainda não tinha sido definida como dogma.

Vivem no período da «Contra-Reforma», com algumas expressões polémicas em relação aos protestantes. Isto deve ser evidentemente superado no novo clima ecuménico do Vaticano II.

Eles têm um forte e justo sentido do pecado e da indispensável obra da Redenção realizada por Cristo, único Salvador do homem. Mas, às vezes, vemos exageros quando falam da «natureza corrupta», mesmo com a distinção entre os «predestinados» (que certamente irão para o Céu) e os «réprobos» (que certamente irão para o Inferno).

Nestes pontos, Santa Teresa de Lisieux vem em nosso auxílio, com o seu novo e ainda mais profundo conhecimento da Misericórdia Infinita de Jesus, fonte de uma esperança sem limites para a salvação dos maiores pecadores, como este criminoso Pranzini, chamado por ela de «meu primeiro filho», mas sempre com a consciência do grande perigo da rejeição definitiva e da morte eterna. Mas todos estes santos têm a mesma paixão pela salvação das almas.

Por fim, Santíssimo Padre, estou convencido de que o título de Doutor da Igreja, conferido a estes dois santos, seria importante para todo o Povo de Deus e para a teologia católica, para ajudar todos a viver e crescer no Amor e no conhecimento de Jesus e de Maria.

Rezo por esta intenção e rezo pela sua grande Missão em toda a Igreja e no mundo de hoje. Com todo o meu amor filial e em profunda comunhão nos Corações de Jesus e Maria.

Lisieux, sábado, 2 de agosto de 2025

Fr. François-Marie Léthel ocd

Anexo 4

SAN LUIGI MARIA GRIGNION DE MONTFORT (1673-1716)

*O AMOR DE JESUS EM MARIA**Tratado da Verdadeira Devoção à Santa Virgem (VD)**resumido no Segredo de Maria (SM),*

(Construído como um «jardim francês» da época)

No manuscrito autógrafo, faltam as primeiras e as últimas páginas.

As principais articulações estão indicadas em VD 60, 90-91, 118-119 e 134)

Falta a Introdução (SM 1-6. cf. VD 256)

PRIMEIRA PARTE**MARIA NO MISTÉRIO DE CRISTO E DA IGREJA (1-89)****(OS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DA VERDADEIRA DEVOÇÃO A MARIA)**

(O lugar de Maria no cristocentrismo trinitário do Símbolo de Nicéia-Constantinopla, em relação com todos os Mistérios da Criação e da História da Salvação, da natureza e da graça, do homem e da mulher...)

I/ «A NECESSIDADE QUE TEMOS DA VERDADEIRA DEVOÇÃO A MARIA» (1-59)

«Se a Santíssima Virgem é necessária a Deus, de uma necessidade chamada hipotética, isto é, conseqüente à sua vontade, ela é muito mais necessária aos homens para alcançarem o seu fim último» (39)

A/ Maria na «sinfonia» cristocêntrica e trinitária da salvação: a sua *necessidade para Deus* (1-36)B/ Consequência: *a necessidade de Maria para nós*, para sermos salvos, para nos tornarmos santos (37-59). Em união com Jesus, Novo Adão, Alfa e Ômega, Maria, Nova Eva, está ligada aos Mistérios da Origem (Gn 2 e 3) e do fim dos tempos (Ap 12). Forte insistência no «carácter escatológico da Igreja Peregrina (cf. *Lumen Gentium*, VII) e no papel essencial dos santos formados por Maria para lutar contra as potências do mal.**II/ «VERDADES FUNDAMENTAIS DA DEVOÇÃO A MARIA» (60-89)**

1/ Jesus Cristo é o fim último da devoção a Maria (61-67).

2/ Pertencemos a Jesus e a Maria como escravos do Amor (68-77).

3/ Necessidade da nossa purificação radical (78-82)

4/ Maria Medianeira junto a Jesus, único Mediador (83-86).

5/ A nossa extrema dificuldade em perseverar na Graça de Deus (87-89).

SEGUNDA PARTE**A VERDADEIRA DEVOÇÃO A MARIA NA SUA FORMA MAIS PERFEITA (90-273)****(O CAMINHO ECLESIAL DA SANTIDADE)****I/ FALSAS DEVOÇÕES E VERDADEIRA DEVOÇÃO A MARIA (92-114)**

A/ «Falsos devotos e falsas devoções a Maria» (92-104)

92 «Encontro sete tipos de falsos devotos e falsas devoções a Maria:

1) os devotos críticos (93);

2) os devotos escrupulosos (94-95);

3) os devotos exteriores (96);

4) os devotos presunçosos (97-100);

5) os devotos inconstantes (101);

6) os devotos hipócritas (102);

7) os devotos interessados (103-104).

B/ Verdadeira devoção a Maria (105-114)

105 «Depois de ter revelado e condenado as falsas devoções à Santa Virgem, é preciso estabelecer com poucas palavras a verdadeira, que é:

1/ Interior (106),

2/ Terna (107),

3/ Santa (108),

4/ Constante (109),

5/ Desinteressada (110-114). (Testemunho pessoal e profecia do autor)

II/ «ENTRE AS MUITAS PRÁTICAS DA VERDADEIRA DEVOÇÃO A MARIA, QUAL É A MAIS PERFEITA» (115-133)

A/ As diferentes práticas interiores e exteriores da Verdadeira Devoção a Maria (115-117).

B/ A «prática perfeita» da devoção a Maria. Consiste em viver plenamente a consagração do batismo através da entrega total de si mesmo a Jesus por Maria como escravo do Amor (118-133).

III/ «MOTIVOS, EFEITOS MARAVILHOSOS E PRÁTICAS DESTA DEVOÇÃO PERFEITA» (134-273)

A/ «Os motivos que devem tornar esta devoção recomendável» (135-182)

1/ Pertencer sem reservas a Jesus por Maria (135-138)

2/ Imitação perfeita de Jesus na sua humilhação e dependência amorosa de Maria na Encarnação (139-143).

3/ Maria entrega-se totalmente ao seu «escravo do amor»: «Totus tuus/Tota mea» (144-150)

4/ «Ad majorem Dei gloriam» (151)

5/ Maria é o melhor caminho para chegar à união com Jesus, ou seja, à santidade (152-168).

1º «um caminho fácil» (152-154). Símbolo do açúcar.

2. «Um caminho curto» (155-156).

3º «um caminho perfeito» (157-158).

4. «Um caminho seguro» (159-167):

6/ «Uma grande liberdade interior» (169-170).

7/ O amor perfeito ao próximo (171-172)

8/ Um meio admirável de perseverança (173-182)

B/ Figura bíblica desta perfeita devoção: Rebeca e Jacob (183-212): Parábola narrativa (O texto original em francês apresenta Jacob como «figura dos predestinados» e Esaú como «figura dos réprobos», segundo a temática agostiniana da predestinação, que pode ser superada com Teresa de Lisieux, Doutora da Igreja)

C/ «Os efeitos maravilhosos desta devoção nas almas fiéis» (213-225)

1/ Participação na humildade de Maria (213)

2/ Participação na sua fé (214)

3/ Participação no seu amor puro (215)

4/ Grande confiança em Deus e em Maria (216)

5/ Comunicação da alma e do espírito de Maria (216-217)

6/ Transformação em Maria à imagem de Jesus Cristo (218-221). Símbolo do Molde.

7/ A maior glória de Jesus Cristo (222-225). «Maria toda relativa a Deus... a relação de Deus» (225)

D/ «As práticas desta devoção» (226-273)

1/ Práticas exteriores (226-256)

1ª Consagração após exercícios preparatórios (227-233)

2. Recitar o terço da Santa Virgem (234-235)

3º Usar uma corrente, como símbolo desta escravidão do Amor (236-242)

4. Devoção especial ao Mistério da Encarnação (243-248)

5. Grande devoção à Ave Maria e ao Rosário (249-251)

6º Recitação do Magnificat (255)

7º Desapego do mundo (256)

2/ «Práticas interiores e muito santificantes para aqueles que o Espírito Santo chama a uma alta perfeição» (257-265).

257 «Trata-se, em poucas palavras, de fazer todas as suas ações:

1º POR INTERMEDIO DE MARIA (258-259),

2º COM MARIA (260),

3º EM MARIA (261-264),

4º POR MARIA (265),

a fim de as realizar mais perfeitamente por meio de Jesus Cristo, com Jesus Cristo, em Jesus e por Jesus»

«MODO DE PRATICAR ESTA DEVOÇÃO NA SANTA COMUNHÃO» (266-273)

(Final Eucarístico do *Tratado*, como da *Suma Teológica* de São Tomás)

[**Falta a Conclusão**, com a **Oração de Consagração** (SM 66-69, AES 223-227. Cf. VD 231). São João Paulo II preferia a fórmula breve da Consagração em VD 266, no momento da Comunhão, continuamente recopiada por ele: *Totus tuus ego sum et omnia mea tua sunt... Accipio Te in mea omnia. Praebe mihi cor tuum, O Maria* – Sou todo teu e tudo o que é meu é teu. Eu te recebo como meu bem. Dá-me o teu Coração, ó Maria». Na doação total de si mesmo, é o acolhimento do dom de Maria que Jesus faz ao seu discípulo amado: «*Accepit eam discipulus in sua*» («O discípulo a recebeu consigo», Jo 19, 27)]

Anexo 5

SANTA TERESA DE LISIEUX

Porque te amo, ó Maria!

(P 54, maio de 1897)

1

Oh! quisera cantar, *Maria, por que te amo*
Porque é que o teu nome tão doce me faz vibrar o coração
E porque é que o pensamento da tua grandeza suprema
Não poderia inspirar à minha alma o sentimento do temor.
Se eu te contemplasse na tua sublime glória
E mais brilhante do que todos os bem-aventurados,
Não poderia acreditar que sou tua filha
Ó Maria, diante de ti, eu baixava os olhos!...

2

É preciso que uma filha possa amar a sua mãe
Que esta chore com ela, partilhe as suas dores
Ó minha Mãe querida, na terra estrangeira
Para me atraíres a ti, quanto choraste!...
Meditando *a tua vida no santo Evangelho*
Ouso olhar-te e aproximar-me de ti
Acreditar que sou tua filha não me é difícil
Pois vejo-te mortal e sofrendo como eu....

3

Quando um anjo do Céu te oferece seres *a Mãe*
Do Deus que há-de reinar por toda a eternidade
Vejo-te preferir, ó Maria, que mistério!
O inefável tesouro da *virgindade*.
Compreendo que a tua alma, ó Virgem Imaculada
Seja mais querida ao Senhor do que a divina morada
Compreendo que a tua alma, *Humilde e Manso Vale*
Possa conter Jesus, o Oceano do Amor!...

4

Oh! amo-te, Maria, quando te dizes a serva
Do Deus que tu deslumbras com a tua humildade
Esta virtude oculta torna-te onipotente
Atraí ao teu coração *a Santíssima Trindade*
Então *o Espírito de Amor cobrindo-te com a sua sombra*
O Filho igual ao Pai em ti encarnou....
Grande será o número dos seus irmãos pecadores
Já que se Lhe há-de chamar: Jesus, o teu primogénito!...

5

Ó Mãe bem-amada, apesar da minha pequenez
Como tu possuo em mim o Onipotente
Mas eu não temo ao ver a minha fraqueza:
O tesouro da mãe pertence ao filho
E eu sou tua filha, ó minha Mãe querida!
As tuas virtudes, o teu amor, acaso não são meus?
Por isso quando a Hóstia branca
vem ao meu coração Jesus,
o teu Manso Cordeiro, julga repousar em ti!...

6

Fazes-me sentir que não é impossível
 Seguir os teus passos, ó Rainha dos eleitos,
 O estreito caminho do Céu, tornaste-o visível
 Praticando sempre as mais humildes virtudes.
 Junto de ti, Maria, gosto de permanecer pequena,
 Das grandezas da terra vejo toda a vaidade
 Em casa de Santa Isabel, recebendo a tua visita,
 Aprendo a praticar a ardente caridade.

7

Lá escuto encantada, Doce Rainha dos anjos,
 O cântico sagrado que brota do teu coração
 Ensinas-me a cantar os divinos louvores
A glorificar-me em Jesus meu Salvador.
 As tuas palavras de amor são místicas rosas
 Que hão-de aromatizar os séculos futuros.
 Em ti o Onnipotente fez grandes coisas
 Quero meditá-las, para O bendizer.

8

Quando S. José ignora o prodígio
 Que com a tua humildade querias ocultar
 Deixa-lo chorar junto ao *Tabernáculo*
 Que esconde a divina beleza do Senhor!.....
 Oh! como eu amo, Maria, *o teu silêncio eloquente*,
 Para mim é um concerto doce e melodioso
 Que me revela a grandeza e a onipotência
 De uma alma que só espera o seu auxílio dos Céus.....

9

Mais tarde em Belém, ó José e Maria!
 Vejo-vos rejeitados por todos os habitantes
 Ninguém quer receber na sua hospedaria
 Uns pobres estrangeiros, o lugar é para os grandes...
O lugar é para os grandes e é num estábulo
Que a Rainha dos Céus dará à luz um Deus.
 Ó minha Mãe querida, quão amável me pareces
 Como te acho grande num lugar tão pobre!...

10

Quando vejo o Eterno envolto em paninhos
 Quando do Verbo Divino oiço o débil vagido,
 Ó minha Mãe querida, já não invejo os anjos
 Pois o seu Poderoso Senhor é o meu Irmão querido!...
 Como te amo, Maria, tu que na terra
 Fizeste desabrochar esta Divina Flor!...
 Como te amo quando escutas os pastores e os magos
E guardas todas as coisas no teu coração!...

11

Amo-te quando te misturas com as outras mulheres
 Que para o santo templo dirigiram os passos
 Amo-te quando apresentas
 o Salvador das nossas almas
 Ao ditoso Ancião que o aperta nos braços,
 A princípio sorrindo escuto o seu cântico
 Mas depressa o seu tom me faz derramar lágrimas.
 Mergulhando no futuro um olhar profético
Simeão apresenta-te uma espada de dores.

12

Ó Rainha dos mártires, até ao fim da vida
 Esta espada dolorosa *trespassará o teu coração*
 Tens já de deixar o solo da tua pátria,
 Para evitares de um rei o furor invejoso.
 Jesus dormita em paz sob as pregas do teu véu
 José vem pedir-te para partires depressa
 E a tua obediência logo se revela
 Partes sem demora e sem objeção.

13

Na terra do Egipto, parece-me, ó Maria,
 Que na pobreza o teu coração continua feliz,
 Pois *não é Jesus a nossa formosa Pátria,*
 Que te importa o exílio se tu possuis os Céus?...
 Mas em Jerusalém, uma tristeza amarga,
 Como um vasto oceano te inunda o coração
Jesus, durante três dias, esconde-se da tua ternura
 É então o exílio em todo o seu rigor!...

14

Enfim encontra-lo e a alegria invade-te,
 Dizes ao lindo Menino que deslumbra os doutores:
 «Ó meu Filho, porque procedeste assim?
 «Teu pai e eu procurávamos-Te chorando.»
 E o Deus Menino responde (que profundo mistério!)
 À Mãe querida que lhe estende os braços:
 «Porque me procuráveis?... Das coisas do meu Pai
 É preciso que Eu me ocupe; não o sabíeis já?»

15

O Evangelho ensina-me que crescendo em sabedoria
 A José, a Maria, Jesus continua submisso
 E o coração revela-me com que ternura
 Sempre obedeceu aos seus queridos pais.
 Agora compreendo o mistério do templo,
 As palavras ocultas de um Amável Rei.
 Mãe, o teu doce Filho quer que sejas o exemplo
 Da alma que O procura na noite da fé.

16

Já que o Rei dos Céus quis que a sua Mãe
Mergulhasse na noite, na angústia do coração,
Maria, é então um bem sofrer na terra?
Sim, *sofrer amando, é a felicidade mais pura!*...
Tudo o que Ele me deu Jesus pode tomá-lo
Diz-lhe que nunca Se preocupe comigo.....
Ele pode esconder-Se, eu consinto em esperá-l'O
Até ao dia sem ocaso em que se extinguirá a minha fé

17

Sei que em Nazaré, Mãe cheia de graça
Viveste pobremente, não querendo nada mais
Nem arroubamentos, nem milagres, nem êxtases
Embelezam a tua vida, ó Rainha dos Eleitos!....
O número dos pequenos é bem grande na terra
Eles podem sem receio erguer os olhos para ti
É pela *via comum*, incomparável Mãe
Que te apraz caminhar guiando-os para o Céu.

18

Esperando o Céu, ó minha Mãe querida,
Quero viver contigo, seguir-te em cada dia Mãe,
ao contemplar-te, afundo-me absorta
Descobrimo no teu coração *abismos de amor*.
O teu olhar maternal desvanece os meus receios
Ensina-me *a chorar, e a regozijar-me*.
Em vez de desprezar as alegrias puras e santas
Tu queres partilhá-las, dignas-te abençoá-las.

19

Ao veres a aflição dos esposos de Caná
Que não podem esconder, pois falta-lhes o vinho
Ao Salvador o dizes com solicitude
Esperando o auxílio do seu poder divino.
Jesus parece a princípio rejeitar o pedido
«Mulher, que nos importa», responde Ele, «a vós e a Mim?»
Mas no fundo do coração, chama-te sua Mãe
E o seu primeiro milagre, realiza-o por ti.

20

Num dia em que os pecadores escutam a doutrina,
D'Aquele que deseja recebê-los no Céu
Encontro-te com eles, Maria, na colina
Alguém diz a Jesus que tu querias vê-lo.
Então, o teu Divino Filho diante da multidão
Do seu amor por nós mostra a imensidade
Diz: «Quem é meu irmão e minha irmã e minha Mãe,
«Senão aquele que faz a minha vontade?»

21

Ó Virgem Imaculada, a mais terna das mães
 Ao ouvir Jesus, não te entristeces
 Mas alegras-te porque Ele nos faz compreender
 Que a nossa alma se torna *a sua família* na terra
 Sim, alegras-te por Ele nos dar a sua vida,
 Os tesouros infinitos da sua divindade!...
 Como não te amar, ó minha Mãe querida
 Ao ver tanto amor e tanta humildade?

22

Amas-nos, Maria, como Jesus nos ama
 E consentes por nós em afastar-te d'Ele.
Amar é tudo dar e dar-se a si mesmo
 Quiseste demonstrá-lo ficando connosco.
 O Salvador conhecia a tua ternura imensa
 Sabia os segredos do teu coração maternal
Refúgio dos pecadores, é a ti que Ele nos deixa
Quando abandona a Cruz para nos esperar no Céu.

23

Maria, apareces-me no cimo do Calvário
 De pé junto da Cruz, como um padre no altar
 Oferecendo para desagravar a justiça do Pai
 O teu Bem-amado Jesus, o doce Emanuel...
 Um profeta o disse, ó Mãe sofredora,
 «Não há dor semelhante à tua dor!»
 Ó Rainha dos Mártires, permanecendo exilada
Dás por nós o sangue todo do teu coração!

24

A casa de S. João torna-se o teu último abrigo
 O filho de Zebedeu terá de substituir Jesus.....
 É a última informação que dá o Evangelho
 Da Rainha dos Céus não fala mais.
 Mas o seu profundo silêncio, ó minha Mãe querida
 Não revela porventura que *o Verbo Eterno*
Quer Ele próprio cantar os segredos da tua vida
Para gozo dos teus filhos, todos os Eleitos do Céu?

25

Em breve eu ouvirei esta doce harmonia
 Em breve no Céu formoso eu irei ver-Te
 Tu que vieste *sorrir-me* na manhã da minha vida
 Vem sorrir-me de novo... Mãe... chegou a tarde!...
 Já não temo o esplendor da tua glória suprema
 Contigo eu sofri e desejo agora
 Cantar nos teus joelhos, Maria, por que te amo
 E repetir para sempre que sou tua filha!.....

S. Teresa do Menino Jesus, maio de 1897
A pequena Teresa...
Maio de 1897

[As palavras em *itálico* foram sublinhadas pela própria Teresa, tendo em vista a publicação]